



Campus Universitário de Almada
Instituto de Estudos Interculturais e Transdisciplinares de Almada

Vítimas e agressores
Bullying em contexto escolar

Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

Orientador(a): Professor(a) Doutor(a) Amália Rebolo
Co-orientador(a): Dr. (a) Cristina Ferreira Martins

Almada, 2017



Campus Universitário de Almada
Instituto de Estudos Interculturais e Transdisciplinares de Almada

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Prof.^a. Doutora Amália Rebolo, apresentada no Instituto Superior de Estudos Interculturais e Transdisciplinares de Almada para obtenção de grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário ao abrigo do Aviso n.º 7255/2015 de 30 de junho de 2015.



Campus Universitário de Almada
Instituto de Estudos Interculturais e Transdisciplinares de Almada



Nuno Gomes
Vítimas e agressores
Bullying em contexto escolar

Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

Orientador(a): Professor(a) Doutor(a) Amália Rebolo
Co-orientador(a): Doutor(a) Cristina Ferreira Martins

Almada, 2017

Agradecimentos

Nada se consegue sem alguém!

Gostaria de agradecer a todos os que tornaram possível esta etapa da minha vida.

Em primeiro lugar quero agradecer à Prof.^a Doutora Amália Rebolo pelos sábios ensinamentos, directrizes, sugestões, motivação demonstradas. Ao Prof.^o Doutor Carlos Barrigas que nesta longa caminhada deu um contributo precioso e de conhecimento que possui.

Ao diretor do agrupamento escolar, Dr. Jorge Costa, pela disponibilidade demonstrada sempre que necessitei.

À Dr.^a Cristina Martins Ferreira que do seu tempo fez meu tempo, e do seu conhecimento minha aprendizagem.

Ao Coordenador escolar, Dr.^o José Carlos Rento, que sempre me tratou como um e nunca como mais um.

A todos os colegas do grupo de Educação Física pela forma com me integraram e apoiaram em todos os momentos.

Ao Dr. Jorge Heleno, que juntamente com o Dr. Duarte, partilharam conhecimentos que me tornaram mais rico, forte e conhecedor. Obrigado pela amizade

À minha família, especialmente à minha mulher, que sempre me motivou e se interessou pelo meu percurso, e pela realização dos meus objetivos.

Obrigado Paulinho pela força e exemplo de vida.

A ti, Lourenço, que continues a ser o orgulho do pai!

Resumo

O bullying, ou agressividade escolar, é um fenómeno que afecta um número elevado de adolescentes em idade escolar.

O bullying é um fenómeno que potencia o sentimento de insegurança na adolescência, diminui a auto-estima, amplia o insucesso escolar, potencia ainda o aparecimento de depressões, e, em casos extremos, poderá levar ao suicídio.

É objectivo deste trabalho a saber se existe casos de bullying no concelho de Abrantes, particularmente na Escola D´Miguel de Almeida.

Para a realização deste trabalho, quantitativo, foi utilizado um questionário anónimo com perguntas fechadas.

A amostra foi composta pela turma de 2ºCiclo, 6ºano, ainda foi utilizado um acórdão de um caso de bullying escolar ocorrido no concelho de Abrantes.

Sendo a turma composta por 19 alunos, 13 são do sexo masculino e 6 do sexo feminino.

Após análise dos dados obtidos através do questionário, constatámos práticas de agressão que denunciavam a ocorrência de bullying. Na turma existem dois agressores, rapazes, que agrediram os colegas 3 ou mais vezes durante o período. Também que, durante o período existiram na turma 6 alunos que foram 3 ou mais vezes vítimas de agressões.

Palavras Chave: Adolescência; Bullying; Vítimas; Género; Escola.

Abstract

The Bullying, or school aggression, is a phenomenon that affects a large number of school-aged adolescents.

Bullying is a phenomenon that increases feelings of insecurity, lowers self-esteem, increases school failure, promotes the onset of depression, and, in extreme cases, can may lead to suicide.

It is objective of this work to know if there are cases of bullying in the municipality of Abrantes, particularly in the D'Miguel de Almeida School.

For the accomplishment of this quantitative work, an anonymous questionnaire with closed questions was used.

The sample was composed by the 2 cycle, 6^oyear class of the D'Miguel de Almeida school and a judgment of a case of school bullying occurred in the of Abrantes City.

The class consists of 19 students, 13 are male and 6 are female.

After analyzing the instrument used, questionnaire, we verified practices of aggression that denounced the occurrence of bullying. At school there are two aggressors, boys, who assaulted their classmates 3 or more times during the period. Also, during the period there were in the class 6 students who were 3 or more times victims of aggressions.

Keywords: Adolescence; Bullying; Victims; Genre; School.

Índice

Índice caracterização da escola

Abrantes.....	VII
Agrupamento escolar.....	VIII
Público Alvo.....	IX
Expetativas e organização.....	X
1.Introdução	1
2- Revisão de Literatura.....	2
3- Objecto de Estudo – Enquadramento teórico	7
3.2 Bullying – Prevenção e intervenção.....	10
3.2.1- Os Professores e a Escola.....	12
4- Objetivos do estudo.....	13
5- Recolha e tratamento dos dados.....	13
6- Metodologia e métodos	14
7- Apresentação dos resultados.....	14
8-Discussão dos resultados	21
9 –Processo no concelho de Abrantes	25
9.1 -Análise do processo.....	28
10- Três Visões sobre o Bullying.....	29
10.1- Análise.....	35
11- Considerações Finais.....	35
Referências Bibliográficas.....	40
Anexos.....	42

Índice de figuras

Figura 1 - Concelho de Abrantes	III
Figura 2- Logotipo do Agrupamento.....	IV
Figura 3- Foto ilustrativa do pavilhão	V

Índice de tabelas

Tabela I- Habilitações escolares do PAI.....	14
Tabela II- Habilitações escolares da Mãe.....	15
Tabela III- Desde que entraste para o 1º ano reprovaste alguma vez?.....	15
Tabela IV- Desde que este período começou quantas vezes te fizeram mal?.....	15
Tabela V- Como é que te têm feito mal?.....	16
Tabela VI- Em que sítios é que te têm feito mal?.....	16
Tabela VII- De que turma são os rapazes ou raparigas que te têm feito mal?.....	17
Tabela VIII- De que idade são os rapazes ou raparigas que te têm feito mal	17
Tabela IX- Quem te fez mal?.....	17
Tabela X- Quantas vezes te fizeram mal no caminho da escola este período?.....	17
Tabela XI- Quantas vezes os professores tentaram parar os rapazes ou as raparigas que fizeram mal a outros?.....	18
Tabela XII- Disseste a alguém que te fizeram mal na escola?.....	18
Tabela XIII- Há rapazes ou raparigas que te defenderam quando outros te tentaram fazer mal?.....	18
Tabela XIV- O que fazes quando vês um colega da tua idade a ser agredido na escola?.....	19
Tabela XV- Se fizeste mal a algum colega na escola este período, diz porque o fizeste?.....	19
Tabela XVI- Se fizeste mal a algum colega na escola este período, diz porque o fizeste.....	19
Tabela XVII- Quantas vezes te juntaste a outros colegas para fazer mal a algum rapaz ou a alguma rapariga na escola, este período?.....	20
Tabela XVIII- Quantas vezes tomaste parte em agressões a outros jovens no caminho da escola, este período?.....	20
Tabela XIX- Ajudavas a agredir um colega que não gostasses?.....	20

Índice de Anexos

Anexo A-Questionário.....	43
Anexo B- Programa Escola Segura.....	49
Anexo C- Proposta de Lei n.º 46/XI/2. ^a	50
Anexo D- Fotografias.....	52

Nota introdutória: Abrantes

Aproximando-se o final do 2º ano do mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário enfatizo o momento como o culminar de todo um processo de aquisição de conhecimentos de cariz teórico-prático, marcado pela passagem do até ali aluno de mestrado, embora já com alguns anos de prática de docente, a professor. Encaro ainda, como possibilidade de observar o caminho percorrido ao longo deste ano lectivo.

Apesar de alguma experiência acumulada e efectuada nas actividades extracurriculares, um estágio pedagógico efectuado em 2004 na Escola Secundária Dr. Solano de Abreu, era com alguma ansiedade que vaticinava este novo desafio académico, Estágio pedagógico Supervisionado pela Dr.ª Cristina Martins Ferreira na Escola Básica D'Miguel e Almeida em Abrantes.

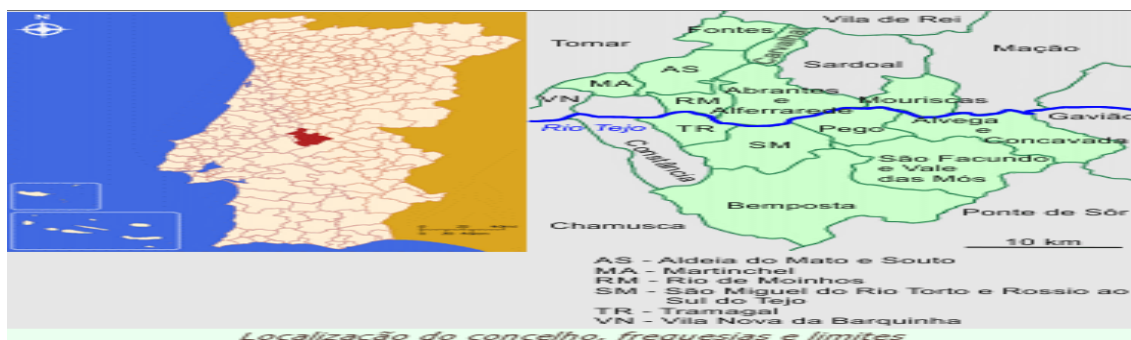
Abrantes - Contexto social

Situado no Médio Tejo, Abrantes é um dos maiores concelhos do país e ocupa uma área de aproximadamente 720 km², na qual residem 39362 habitantes (Resultados preliminares – Censos 2011). É ponto de transição entre territórios diferentes, como o Ribatejo, a Beira Baixa e o Alto Alentejo.

O Concelho é banhado por dois rios: o Tejo e o Zêzere, com importância no abastecimento público de água, na produção de energia eléctrica e nas actividades de lazer e desporto.

A realidade social do concelho é de alguma forma heterogénea. A uma sociedade marcadamente urbana opõe-se uma sociedade com características rurais. Contudo, se outrora havia uma vincada diferença cultural entre os alunos provenientes do meio rural e os alunos oriundos da cidade, hoje essas diferenças tendem a esbater-se, senão mesmo a anular-se.

Figura 1 - Concelho de Abrantes (Site da C.M.A.)



Contexto e características do agrupamento escolar

O estágio decorreu na Escola Básica de 2 e 3º ciclos D. Miguel de Almeida, com uma turma de 2º ciclo sob a supervisão interna da Professora Cristina Martins Ferreira, com a turma 6ºB, durante o ano escolar 16/17.

Agrupamento Escolar

O Agrupamento de Escolas N.º 1 de Abrantes é uma unidade orgânica composta de quinze escolas e tem a sua sede na Escola Secundária Dr. Solano de Abreu.

A oferta educativa do Agrupamento é bastante alargada, começando na educação pré-escolar, 1º, 2º e 3º ciclos regulares, PCA, CEF tipo 2 e 3, secundário dos cursos científico-humanísticos e dos cursos profissionais.

O número de alunos no pré-escolar é de **319**, no 1º ciclo **620** alunos, no 2º ciclo **316**, no 3º ciclo o número é de **585** alunos e no secundário o número atinge os **754** alunos.

A unidade orgânica é composta pelas escolas seguintes:

- Jardim de Infância da Casa Branca;
- Jardim de Infância da Concavada;
- Jardim de Infância de Abrantes;
- Jardim de Infância de Arreciadas;
- Jardim de Infância de Mouriscas;
- Escola Básica de Alvega;
- Escola Básica de Bemposta;
- Escola Básica de Mouriscas;
- Escola Básica do Carvalhal;
- Escola Básica do Pego;
- Escola Básica Maria Lucília Moita;
- Escola Básica n.º 1 de Abrantes;
- Escola Básica do Rossio ao Sul do Tejo;
- **Escola EB2/3 D. Miguel de Almeida;**
- Escola Secundária Dr. Solano de Abreu. (Escola Sede)

- **Figura 2- Logotipo do Agrupamento (Retirado do site do Agrupamento)**



Caracterização do público alvo

Durante a realização do estágio pedagógico, no presente ano lectivo 2016/2017, tive a oportunidade de acompanhar uma turma, 6ºano turma B, do ensino básico, que estava atribuída no horário do orientador cooperante.

A turma

A turma, era constituída inicialmente por 20 alunos (6 femininos e 14 masculinos), verificando-se no entanto a mudança de agrupamento de um aluno durante o 1º período lectivo. Saliência para o facto de a turma possuir dois alunos com Necessidades Educativas Especiais. (N.E.E.).

Quanto ao rendimento escolar da turma, constatei resultados médio/altos ao longo do ano lectivo, quer na disciplina de Educação Física, quer nas outras disciplinas. No que diz respeito ao comportamento e questões disciplinares, na disciplina de Educação Física apenas se verificaram alguns casos pontuais, que foram prontamente solucionados durante a aula, por mim enquanto Professor estagiário, com a anuência do Orientador Interno.

Figura 3- Foto ilustrativa do pavilhão



Expetativas e organização

Ao longo do ano letivo, diariamente, experienciava vivências e conhecimento acumulados, transformando este estágio pedagógico num conjunto de experiências e conhecimentos deveras enriquecedor e produtivo.

A integração, por vezes, é um sinónimo de um positivo ou menos profícuo estágio, e neste caso a integração na escola, no grupo de educação física, e na turma, foi bastante boa, aspecto este, que só foi possível devido ao facto de, quer a orientador de estágio, Prof.^a Cristina Martins Ferreira, quer o grupo de educação física, ter proporcionado um clima óptimo de adaptação, contribuindo de forma fundamental para um melhor adaptação a todo o processo de ensino supervisionado.

Durante o ano letivo, tive a oportunidade de trabalhar com uma orientadora bastante cooperante, bastante receptiva, experiente, conhecedora relativamente a novas ideias e a debates fundamentados, mas também exigente, que me possibilitou ir tornando as dificuldades em oportunidades de aprendizagem.

O facto de ser uma turma bastante homogénea, ao nível de aptidão a nível comportamental, foi facilitadora da minha integração, o que não quer dizer que não tivesse havido comportamentos desviantes, ocorrências de reduzida gravidade que provocassem distúrbios e conflitos, mas problemas esses que foram sendo resolvidos com a ajuda da Orientadora cooperante juntamente com a minha aprendizagem/ensino.

Pormenores que me tornaram mais rico: a utilização dos óculos durante as aulas de Educação Física... Enquanto Professor, antes do início deste estágio, era apologista que alunos que usassem óculos os retirassem durante a aula, hoje revejo essa temática com outro entendimento. No decorrer das inúmeras e produtivas conversas, “debates”, esclarecimentos e fundamentalmente partilha de opiniões, a Prof.^a Cristina fez-me sentir e ver outra visão da utilização dos óculos durante a aula: “...Nuno imagina que usas óculos desde os 2 anos de idade...” “... não conseguem visualizar correctamente a bola durante a sua trajectória sem os óculos...” “...arranja estratégias para quando a armação dos óculos está mais larga...”

Situações que me fizeram repensar, agir e enriquecer a minha intervenção enquanto docente. O caminho levou-me a outras janelas de aprendizagem, os feedbacks construtivos, reforço positivo ou negativo, a especificidade cultural e própria de cada aluno, posicionamento e projecção da voz em função do espaço....

Relativamente à realização dos planeamentos, já tinha alguma experiência na elaboração e estruturação dos mesmos, algo que me possibilitou a sua organização e efectivação sem problemas de mais, sendo óbvio que os feedbacks da orientadora e toda a sua correcção e avaliação foram fundamentais para a evolução dos conteúdos e planificações.

Em síntese, este estágio pedagógico, conferiu competências, quer ao nível do planeamento, quer ao nível da leccionação, quer ao nível da organização, bem como, no adquirir de conhecimento, experiências e vivências, que irão ser de extrema utilidade, mais tarde enquanto professor do Ensino Básico e Secundário.

Introdução

“ Uma das coisas importantes da não-violência é que não procura destruir a pessoa, mas transformá-la”

Martin Luther King

O tema Bullying é de extrema importância para a actividade docente, dado que é infelizmente prática comum em todas as escolas, e em todos os níveis de ensino. Não querendo ser radicalista, até em idade pré-escolar atitudes e comportamentos que poderão assemelhar-se ao espectro do bullying acontecem. Pois casos de comportamentos desviantes em ritmo continuado acontecem desde os jardins-de-infância onde a prática é, ou deveria ser, permanentemente supervisionada.

Olweus (1991) citado por Lax (2002) afirma que após a análise de alguns estudos a prática de bullying é mais comum entre os alunos mais jovens do que os mais velhos.

[...] O bullying também pode ocorrer entre as próprias crianças do jardim-de-infância. Embora as crianças mais novas provavelmente não sejam "cruéis" e "mal-intencionadas", elas são, sem dúvida, capazes de atacar os demais repetidamente (Alsaker, 1997b), citado por Lax (2002). O facto de estarmos atentos a este fenómeno ajudar-nos-á a compreender melhor o comportamento de alguns alunos, tendo como exemplos nas aulas de Educação Física o facto de algum aluno não querer interagir com outro, não realizar determinada tarefa, poderão advir daí situações resultantes de uma prática continuada de qualquer tipo de agressão, embora nem todas as situações possam ser resolvidas ou encaradas da mesma forma. O docente tem um papel activo e fundamental no rastreio do bullying, pois tem de actuar caso visualize alguma situação de prática de agressividade de um aluno para com o colega e tentar alertar se a prática for continuada. O Professor por vezes é confidente do aluno, algo que já não se passa com os pais, desta forma poderá ser ter conhecimento de comportamentos desviantes de alunos que tornar-se-ão casos de bullying.

Justifico este trabalho com a necessidade de aquilatar se existem casos de bullying na turma 6ºB da Escola Básica D. Miguel de Almeida e estratégias de intervenção. No âmbito do estudo fará parte uma situação de bullying¹ ocorrida no concelho de Abrantes entre duas alunas do sexo feminino e no 11º ano de escolaridade, que terminou com uma audiência no Tribunal Juízo Local Criminal de Abrantes.

¹ Em anexo

2- Revisão de Literatura

2.1 – O BULLYING

O Bullying é um subtipo de violência, e portanto insere-se numa das subcategorias das condutas agressivas, mas é importante demarca-lo de alguns aspectos implicados neste amplo conceito [...] nem todas as formas de agressividade são consideradas bullying, nem possuem uma conotação negativa. (Paias et al, 2014).

Rebolo (2017) afirma que alguns professores e educadores ficam surpreendidos com a capacidade das crianças para passarem os tempos de recreio escolar em actividade física contínua, como se a sua capacidade energética fosse inesgotável; ficam ainda mais surpreendidos porque para algumas crianças estes tempos servem apenas para lutar com os colegas, lutas estas que os adultos procuram travar por as considerarem perigosas, porque desconhecem exactamente o que se passa e apenas as crianças os podem informar se a luta era a brincar ou se estavam realmente zangados.

Segundo o investigador Dan Olweus, um dos pioneiros na definição de Bullying, acontece quando um estudante é exposto de forma repetitiva a acções negativas por um ou mais alunos.

É uma acção negativa quando alguém intencionalmente inflige, ou tenta infligir, ferir ou desconforto sobre outro - basicamente o que está implícito na definição de comportamento agressivo nas ciências sociais (Olweus, 1993).

O bullying e a agressão física são os tipos de violência mais comuns nas escolas europeias. Trata-se de um comportamento agressivo, intencional e sistemático, num contexto muito específico – a escola. Representa um tipo de violência entre alunos, que está a suscitar uma crescente atenção da comunidade escolar e mesmo pela população em geral. (Matos et al,2009; Matos e al, no prelo; Negreiros et al, 2009; Gaspar et al, 2009; Simões et al, 2009)

O bullying difere de outros comportamentos violentos por três critérios: (1) intencionalidade do comportamento, (2) o comportamento repetido ao longo do tempo e (3) desequilíbrio de poder entre o provocador e a vítima (Olweus,1994).

A maior parte das vezes estes comportamentos agressivos por parte da pessoa que oprime ocorrem sem ter havido provocações (Harris§ Petrie, 2002).

De acordo com Bullock (2002), citado por Sebastião (2010) as vítimas são geralmente crianças mais fracas, tímidas, introvertidas, cautelosas, sensíveis, quietas, com menor auto-estima e com poucos amigos, correm o risco de ser rejeitados entrar em depressão e a situação é uma constante ameaça à sua auto-estima.

O espaço físico escolar, e o recreio escolar em particular, é fundamental para a integração e desenvolvimento motor das crianças.

Citando Rebolo² “...Estes espaços, na minha opinião, tem de ser espaços com materiais lúdicos de forma que as crianças possam utilizar mais livre e espontaneamente do que aquilo que se faz hoje em dia. A maioria das escolas, que conheço, em termos de espaço, são razoáveis, mas quase sempre tem umas linhas marcadas e duas balizas. E, então, o que eles vêem logo são as balizas e esquecem-se de muitas das coisas que podem fazer. Além disso, este tipo de actividade exclui as crianças que querem fazer outras coisas.”

De acordo com Pellegrini (2004), citado por Rebolo (2006), o jogo de luta é uma forma normal e boa de jogo para crianças, em especial os rapazes, e provavelmente a sua prática permite aprender a codificar e decodificar informação social: a alternância de papéis permite a percepção de perspectivas diferentes. As destrezas aprendidas e treinadas na infância são utilizadas noutras formas de interacção social recíproca, como nos jogos cooperativos durante a adolescência.

A prevenção da violência, incluindo o bullying, deve ser uma prioridade para quem se preocupa com a saúde e o desenvolvimento psicossocial das crianças e dos adolescentes. (Seixas 2006)

Conforme Pereira (2007)³, a designação deste fenómeno na língua portuguesa necessita de uma identificação dos atributos de personalidade dos sujeitos envolvidos aos incidentes agressivos, relacionados às características comportamentais que estes mesmos sujeitos assumem. Portanto adota-se o termo bullying associado ao termo agressividade, por não se conseguir uma tradução fiel, em uma agressão deliberada entre pares.

² Prof.ª Dra. Amália Rebolo – Intervenção Comissão de Educação, Ciência e Cultura – Assembleia da República.

³ Beatriz%20Pereira/Beatriz%20Pereira%20Um%20estudo%20sobre%20o%20bullyingEDUCERE2009.pdf

Lopes Neto & Saavedra (2003)⁴ ressaltam que a Organização Mundial da Saúde (OMS) declara a violência como um problema crescente da saúde pública em todo o mundo, devido às suas consequências, seja para os indivíduos, famílias, comunidades ou países de forma geral, sendo reconhecida nas últimas décadas como um fator de risco para o desenvolvimento humano. Segundo a Organização Mundial da Saúde a violência constitui-se na utilização intencional da força ou poder físico, por ameaça ou de fato, contra si mesmo, contra outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulta em ou tem alta.

A educação motora será para o educador uma referência fundamental devido ao seu efeito na estruturação corporal, mental e afetiva da criança. A vida na sala de aula fornece atividades no decorrer das quais a criança se conhece, se conquista e se situa. Neto (1999)

Segundo Seixas (2006) qualquer comportamento de bullying é manifestado por alguém (um indivíduo ou um grupo de indivíduos) e tem como alvo outro indivíduo. Assim sendo, encontra-se sempre subjacente o envolvimento activo de, pelo menos, dois sujeitos, aquele que agride (o agressor) e aquele que é vitimizado (a vítima). Nesta perspectiva, quando ocorre um episódio de bullying ocorre simultaneamente uma situação de vitimização.

De acordo com Rebolo (2010) “As crianças parecem conhecer as diferenças entre jogo de luta e luta a sério melhor do que os professores e outros adultos; As crianças agressivas parecem ter maiores dificuldades em distinguir jogo de luta de luta a sério; Os adultos não sabem ver as diferenças entre jogo de luta e luta a sério, interrompendo situações de jogo de luta que pensam ser a sério e deixando que lutas a sério se prolonguem por pensarem ser a brincar.”

Segundo Roché (2001), citado por Sebastião (2010) a prática de delitos em idades cada vez mais baixas, agravamento do grau de violência nos actos cometidos, muitos dos quais em torno da origem étnica e o crescente envolvimento de raparigas nestes actos são questões que se encontram na ordem do dia

Durante dois anos, Johnny, um rapaz tranquilo de 13 anos, era um brinquedo humano para alguns alunos da sua turma. Os colegas abusaram de Johnny por dinheiro, obrigaram-no a comer ervas daninhas, a beber leite misturado com detergente, bateram-

⁴ Citados no IX congresso Nacional de Educação - EDUCERE

lhe no recreio, foi amarrado com uma corda ao pescoço e tratado com um “animal de estimação”. Quando os torturadores foram identificados sobre o bullying, disseram que perseguiram a sua vítima porque era divertido. (Olweus, 1993).

Ainda segundo Olweus (1993) As ações negativas podem ser realizadas por contato físico, por palavras ou de outras maneiras, como fazer caretas ou gestos desagradáveis, espalhar rumores e exclusão intencional de um grupo. Embora crianças ou jovens que se envolvam em bullying sejam muito susceptíveis de variar o grau de consciência de como o bullying é percebido pela vítima, a maioria ou todos eles provavelmente percebem que seu comportamento é pelo menos um pouco doloroso ou desagradável para a vítima.

“... O conceito de bullying – não a prática - surge de forma sistemática no início dos anos setenta, na sequência de um estudo considerado basilar, realizado junto de um grupo de 900 crianças suecas, que deu origem, em 1973, ao primeiro livro sobre o tema da autoria do Norueguês Dan Olweus... O final dos anos noventa viu nascer movimentos sociais e cívicos de sensibilização e estudo do fenómeno... Do ponto de vista científico, o bullying veio assim gradualmente a despontar enquanto tema científico, sendo assim hoje alvo de inúmeros estudos empíricos, nacionais e internacionais...” Alexander (2006).

Um estudo de Ângulo, Neto e Marques, Ortega, citados por Serrate (2014) indicou que 17,7 por cento dos alunos são agredidos com frequência e 42,1 por cento foram vítimas pelo menos de uma ou duas vezes de comportamentos agressivos.

Serrate (2014) afirma ainda que, alguns estudos, apontam que são os rapazes que sofrem mais intimidações e burlas e, noutros casos, estima-se que ambos os grupos sofrem por igual.

O Bullying não é somente associado ao ambiente escolar, também no desporto ele acontece com afirma Neto⁵: “Uma das principais consequências do bullying nas modalidades desportivas é o abandono da prática, sem se assumir qual a causa.”

Pereira (2002) afirma que o bullying adquire diversas formas, algumas mais cruéis do que outras, dependendo de muitos factores. Os estudos sobre a agressividade na escola têm visado o mau trato pessoal, a intimidação psicológica e o isolamento de social entre pares, crianças ou jovens [...] é praticado sobre crianças e jovens mais inseguros, mais

⁵ <http://visao.sapo.pt/actualidade/sociedade/2017-04-20-No-desporto-ha-10-de-vitimas-de-bullying>

fáceis de amedrontar e/ou que têm dificuldade em se defenderem. Para estes alunos, o ir à escola, em particular os recreios, é um drama. Cita ainda que as crianças receosas podem procurar lugares mais calmos, mas nessa situação também podem encontrar situações bem mais graves. Os agressores agem à vontade, pois não haverá testemunhos da ocorrência e nenhuma criança ou adulto virá ajudar.

O Bullying parte, pois de uma vontade consistente e desejo de magoar ou amedrontar alguém quer física, verbal ou psicologicamente. (Smith&Sharp,1993) citados por Pereira (2002).

Em contexto escolar o alvo de bullying é, normalmente, individual. Os dados do estudo de Bergen indicam que, na maioria dos casos, a vítima é assediada por um grupo de dois ou três alunos. 35 a 40 por cento são intimidados apenas por um aluno (Olweus 1988).

Olweus (1978) diz-nos que as crianças vítimas não são assertivas e não dominam algumas competências sociais. São caracterizadas pelo medo e pela falta de confiança. São ansiosas e incapazes de reagir por si próprias quando são agredidas.

Segundo o mesmo autor, os agressores, pelo contrário têm confiança em si próprios e não têm medo. Os agressores apresentam tendências agressivas devido à vida familiar visto que: os pais parecem fomentar mais a hostilidade do que o afeto, existe um padrão familiar de permissividade.

No desporto vão sendo excluídos. A principal forma de bullying é verbal, pelas bocas, depois é social. Não passam a bola e isso até se nota nos jogos. Um treinador chegou a dizer-me que uma vez meteu um miúdo durante um jogo e a bola deixou de chegar àquela ponta. (Nery 2016)⁶

Nery, M. Neto, C. Rosado, A. & Smith, P. K. (2017) Manual anti-bullying na formação desportiva. IPDJ e coordenado pelo Prof.º Dr.º Carlos Neto⁷ o manual Anti Bullying no desporto é um programa direcionado para os treinadores e dirigentes desportivos onde são abordados temas como desenvolver uma política anti-bullying ou o que deve constar numa política anti-bullying.

Desde 2011, em Portugal, que o Bullying é considerado como um crime de natureza pública podendo ser atribuída ao agressor uma pena até cinco anos de prisão se tiver mais de 16 anos.

⁶ <http://observador.pt/especiais/bullying-no-desporto-jovem-gordinho-maricas-sofrem-nos-balnearios/>

⁷ www.desportosembullying.pt

3- Objecto de Estudo – Enquadramento teórico

3.1 – FORMAS DE BULLYING

Jenny Alexander refere que existem dois tipos de bullying:

- ✓ *Bullying Físico*: inclui dar pontapés, bater, empurrar, cuspir, destruir propriedades e “happy splaping”⁸.
- ✓ *Bullying não Físico*: aqui se inclui gozar e chamar nomes, que correspondem a 80 por cento dos casos relatados de bullying [...] no entanto, o bullying não físico também inclui ofender e deitar abaixo, de forma maldosa, como no caso de fazer ameaças, começar e alastrar rumores, isolar e excluir do grupo ou outras actividades envolvendo novas tecnologias.

Martins (2005) também categoriza o bullying de duas formas: o bullying directo e bullying indirecto:

O bullying indirecto é realizado através da exclusão constante de alguém do grupo de pares. Esta exclusão pode ser feita pela ameaça da perda de amizade como forma de obter algo, também pode ser espalhar boatos ou destruir a reputação de alguém. Assim podemos dizer que o bullying indirecto quando praticado pode destruir a vida social da vítima.

O bullying directo pode ser físico ou verbal. Se for físico inclui, dar pontapés, bater, forçar comportamentos sexuais, estragar objectos, roubar ou obrigar os colegas a realizar tarefas servis contra a sua vontade. Se for verbal inclui dar alcunhas desagradáveis, fazer comentários racistas, salientar características ou deficiências de forma negativa. Autores existem que catalogam mais formas de bullying, Serrate (2014) expõe algumas classificações possíveis:

1. *Física*: socos, pontapés, cotoveladas, agressões, com objectos, cuspidelas, entre outros... Também se inclui na violência física cercar a vítima, fechá-la numa sala, esperá-la fora da escola, maltratá-la para lhe tirar os seus pertences. Este tipo de bullying manifesta-se mais nos 1º e 2º ciclos do ensino básico do que no 3º ciclo ou secundário e é um comportamento directo.
2. *Verbal*: é o tipo de violência mais habitual. Ultimamente, o telemóvel também se está a transformar num meio para o realizar. Consiste em insultos e, principalmente, palavrões; desprezo em público, destaques de defeitos físicos

⁸ Apanhados de bofetadas, consiste na nova forma que envolve um acto de violência de algum tipo, intencionalmente fotografado ou filmado. Tal implica ter um cúmplice a gravar o acto.

- [...] é a forma mais comum de o agressor pôr à prova a sua capacidade de destabilizar a vítima e de a controlar. É um tipo de comportamento directo
3. *Psicológica*: a componente psicológica está em todas as formas de maltrato [...] normalmente, o maltrato psicológico acaba no maltrato físico. [...] Este bullying psicológico consegue que a vítima fique sempre dependente emocionalmente do agressor. É um tipo de comportamento indirecto
 4. *Social*: pretende isolar a vítima do resto do grupo e dos colegas. Trata-se, geralmente, de uma acção efectuada através de comentários, de abusos verbais, de insultos, de atitudes cruéis, de ameaças, de agressões e também inclui a violência racial e religiosa. É um tipo de comportamento indirecto.
 5. *Sexual*: todo o tratamento que implique contacto físico nas raparigas ou nos rapazes, sem o seu consentimento, gestos obscenos, pedidos de favores sexuais [...] é uma conduta que implica abuso de poder. É um tipo de comportamento indirecto.

Segundo Olweus (1991), citado por Serrate (2014) as vítimas são menos fortes fisicamente, em especial no caso dos rapazes, não são sujeitos agressivos nem violentos e mostram um elevado nível de ansiedade e de insegurança, causado pela referida desvantagem física.

Bullying, no contexto escolar, é caracterizado pela provocação física ou psicológica de um indivíduo por um aluno ou um grupo de estudantes de forma ininterrupta desenvolvendo assim uma forma de assédio e abuso, esta provocação pode ser física, verbal, psicológica ou sexual Olweus (1994).

No estudo de Sebastião, et al (2010) constatou-se que a violência na escola possui assim duas vertentes que convergem para a estruturação de uma visão das escolas como locais progressivamente mais inseguros, em que as situações de tipos diversos, como a indisciplina, a incivilidade e a violência são permanentemente destacados.

Definimos por agressividade/bullying o que a literatura refere por comportamentos agressivos de intimidação o que apresentam um conjunto de características comuns, entre as quais se identificam várias estratégias de intimidação do outro e que resultam em práticas violentas exercidas por um indivíduo ou por pequenos grupos, com carácter regular e frequente. No conceito de bullying está contida a agressão individual e em grupo Olweus (1991), citado por Serrate (2014).

Smith&Sharp (1994) citados por Almeida (1995) apresentam a mesma classificação, ou seja, o bullying de forma direta que engloba a forma física e verbal, e a indireta. Os autores acrescentam ainda que as agressões físicas sejam as mais típicas entre os rapazes, enquanto entre as meninas as verbais é que aparecem com maior ênfase.

Uma visão comum sustenta que os problemas de intimidação / vítima são uma consequência de grandes turmas ou escolas: quanto maior a turma ou a escola, maiores os problemas de nível / vítima. Para uma análise mais detalhada desta hipótese foi realizado um estudo com base no uso dos dados da pesquisa norueguesa de mais de 700 escolas e vários milhares de classes (com grandes variações de tamanho) resultou na conclusão de que o tamanho da turma ou da escola é de importância insignificante para a frequência ou o nível de inflação relativa / Problemas de vítimas na classe ou na escola (Olweus, 1993).

Também se pode afirmar, tem sido comum manter que o bullying é uma consequência da competição e do esforço para as notas na escola.

Com a revolução tecnológica intrinsecamente implementada, presentemente assiste-se ao domínio das novas ferramentas e aplicativos informáticos. O Facebook, Twitter, We Chat, entre outros... quando usados de forma pejorativa tornam-se armas, ou ferramentas, capazes de infligir danos visíveis sobre quem são usados. O *Cyberbullying* consiste na forma de ridicularizar, agredir, destruir ou humilhar através das redes sociais, não só desta forma mas tem sido a mais constante.

Num estudo levado a cabo por Pereira et al (2004) nas escolas portuguesas, verificou-se um nível de registos de vítimas, com cerca de 20% das crianças referindo que tinham sido vitimas, pelo menos 3 vezes, no ano em que decorreu o estudo, no mesmo sentido, cerca de 16% das crianças admitiu ter agredido outros, pelo menos 3 vezes, durante o mesmo ano.

3.2 Bullying – Prevenção e intervenção

Sendo o Bullying uma realidade, em contexto escolar, no quotidiano, urge sensibilizar toda a comunidade envolvente: Pais, Professores, alunos, de forma a que os efeitos nefastos da prática, independentemente do tipo de agressão contínua que se pratica, sofra um decréscimo.

Estratégia de prevenção adequadas, sinalização constante de práticas de violência recorrente, poderão evitar o seu crescimento e as péssimas consequências finais.

Sharp e Thompson (1993), citados por Serrate (2014), recomendam seguir diferentes fases: Sensibilização e consciencialização, elaboração de uma pequena investigação, elaboração de um projecto de actuação, difusão e desenvolvimento, seguimento e avaliação.

Serrate (2014) citando Sullivan (2000), separa em quatro fases: Planificação, Desenvolvimento, Implementação e Manutenção.

Segundo Alexander (2007) a melhor forma de controlar os seus sentimentos é tentar ser empático com os sentimentos do professor [...] pode ainda estar a enfrentar uma situação com origem fora da escola, em que a comunidade e a família falharam.

Paiais (2014) afirma que é importante termos presente em qualquer altura do percurso escolar um jovem pode enfrentar a dinâmica do bullying em três papéis possíveis, ou seja, no papel de vítima, agressor ou espectador, e que serão as várias condicionantes, e a maior ou menor competência, para enfrentar o que surgir que farão com que estes comportamentos não voltem a acontecer, se mantenham por algum tempo, ou perdurem durante muito tempo. E que até aqueles que foram vítimas se podem tornar em agressores e vice-versa.

A mesma autora refere ainda que é preciso trabalhar a vários níveis: Psicológico – dirigido às causas remotas do problema; Educativo- modificar as condições que facilitam que se mantenha o bullying; Familiar – fomentando a vontade destes pais virem à escola (com o uso de alguma criatividade e não só com um rol de acusações).

Alexander (2006) afirma que demonizar o agressor não é uma boa ideia [...] assim, como o agressor se sente mais forte, corajoso e mais em controlo.

A maior parte das crianças não aprova o bullying, mas como é uma prática habitual na escola, toleram-no. O stress que decorre destas vivências deve ser substituído por valores de cooperação de pequenos grupos (Pereira 2002).

Em Dezembro de 2010 foi apresentada pelo XVIII Governo Constitucional à Assembleia da República uma proposta⁹ que visava a criminalização da prática de Bullying. Que entretanto não entrou em vigor.

A adopção de uma cultura de paz e não-violência não se limita à prevenção de cultura entre povos. De acordo com a organização das Nações Unidas [...] esta é definida por “um conjunto de valores, atitudes, comportamentos e formas de vida, que rejeitam a violência e previnem os conflitos, através do confronto das suas causas, na raiz, para resolver os problemas, através do diálogo e negociação entre indivíduos, grupos e nações” (Unesco, 1999).

As técnicas para ajudar os alunos a sair dos conflitos de bullying variam de acordo com o estágio de desenvolvimento dos alunos, bem como o status de desenvolvimento do próprio sistema. As vítimas e os “valentões” geralmente requerem múltiplas intervenções envolvendo múltiplos adultos (equipa escolar, pais, clínicos) que se concentram em habilidades de confronto (incluindo resolução de problemas e regulação emocional) Buxton et all (2013)

Smith&Sharp (1991) citados por Almeida (1995) afirmam que apesar dos factores de risco não serem uma inevitabilidade, a falta de competências sociais e de assertividade das crianças vítimas pode ser superada através do treino de competências assertivas, capacitando-as para lidar melhor com as situações de agressão, direta ou indireta.

Nos anos 50 e 60, no Brasil com o teatro do oprimido, criado por Augusto Boal, o teatro como ferramenta de intervenção, consciencialização social e meio para o desenvolvimento cultural de uma determinada comunidade, ganha força e se multiplica por todo o mundo (Cardoso 2009).

Cardoso (2009) [...] no gabinete de apoio à Vítima de Coimbra (GAV-Coimbra). Temos dado, nos últimos anos, uma particular atenção à prevenção do bullying. A nossa colaboração com as escolas em acções de sensibilização deu-nos ânimo para levar a cabo pequenos projetos de prevenção.

⁹ Consta em anexo

Como afirma Serrate (2014) dependendo da perspetiva como interpretamos a agressão (comunitária, escolar, familiar, interpessoal) encontraremos programas de prevenção ou intervenção do bullying com diferentes enfoques. Ainda segundo a mesma autora as investigações que permitem determinar a gravidade do bullying escolar dão lugar às políticas de prevenção e intervenção [...] Cada escola tem características próprias que influenciam diferentes manifestações do fenómeno do bullying.

3.2.1- Os Professores e a Escola

Os Professores e a escola têm um papel importante na prevenção e tratamento dos casos de agressividades associados à temática do bullying.

Começando nos pais, pois ao envolverem a escola no processo de intervenção, tendem a diminuir o impacto e as consequências inerentes à prática do bullying.

Alexander (2007) afirma que o bullying físico implica atos que, fora da escola, seriam considerados ilegais. Ora como as escolas têm o dever legal de cuidar dos seus alunos, têm de tomar seriamente e consideração qualquer relato de bullying físico. A mesma autora diz que os episódios de bullying físico são mais fáceis de identificar e de serem provados do que as formas não físicas (...) a escola, a segunda socialização da criança, onde não se fala a mesma linguagem, onde as regras e os valores estão tão distantes dos valores familiares, vai provocar o isolamento da criança e a sua inadaptação. As normas na família e as que a criança encontra na escola não são coincidentes.

Fonseca (1984) citado por Pereira (2002) consideram que “ A aprendizagem constitui uma mudança de comportamento resultante da experiência.

Conforme Serrate (2014), durante a infância, a criança aprende que muitas coisas se conseguem, fazendo-se passar por vítimas [...] estas condutas são apreendidas e interiorizadas pela observação que faz das relações entre os pais, figuras de autoridade, familiares e Professores.

4- Objetivos do estudo

Como se observa no anteriormente descrito na revisão da literatura, existem diversos tipos de Bullying, diferentes formas de agressão mas, em grande parte, com um final comum, a influência decisiva nas características físicas, psicológicas e sociais das vítimas.

As consequências de uma agressão escolar podem ser especialmente graves para a vítima, desde levá-lo a uma negação de si próprio até uma autodestruição. (Serrate. 2014).

Tendo por bases estas premissas tenho como principal objectivo do estudo verificar se existem casos de bullying na turma da referida amostra. Se sim, apresentar algumas estratégias de intervenção.

5- Recolha e tratamento dos dados

Para a análise dos dados foi utilizado como instrumento a adaptação do questionário de Dan Olweus (1989)¹⁰ – Universidade do Minho - “Bullying, entre crianças no espaço escolar 2 e 3 Ciclos”

Sendo o questionário anónimo e constituído por 24 perguntas, divididas por III Blocos:

I – Dados Pessoais;

II – Acerca de Ser Agredido;

III- Acerca de Agredir outros Jovens.

As questões são fechadas e de escolha múltipla sendo que alguns itens são referentes a comportamentos nos quais se pede a frequência com que foram vítimas ou agrediram, os locais, género, atitude dos professores e funcionários, atitude perante a agressão.

O estudo foi realizado com uma turma do 6º ano, composta por 19 alunos sendo 13 rapazes e 6 raparigas.

¹⁰ Consta em anexo

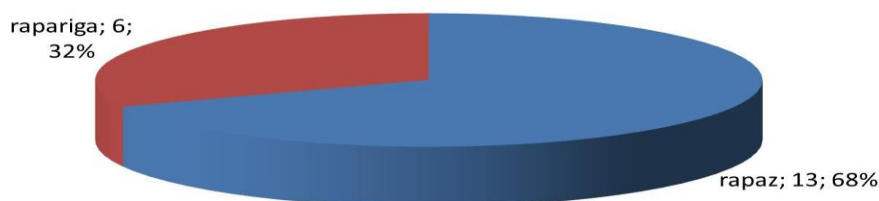
O questionário foi empregue perto do final do ano lectivo, Maio 17, o que proporcionou a possibilidade de ir observando comportamentos e atitudes ao longo do ano não só em contexto de aula como no recreio e exterior da escola.

6- Metodologia e métodos

6.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

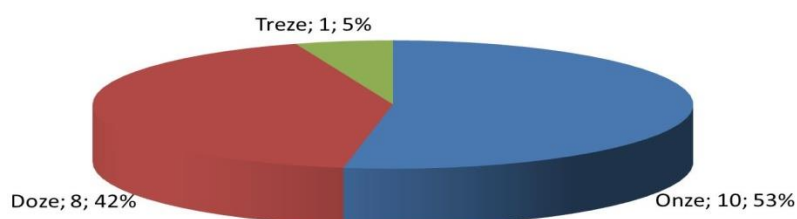
A amostra é constituída pelos alunos, da turma de ensino básico da escola D. Miguel de Almeida, dezanove alunos, (treze rapazes e seis raparigas).

Gráfico I- Número de alunos, e género, da amostra



Na amostra, 69% são rapazes e 32% são raparigas.

Gráfico II- Frequências: 3. Que idade tens?



Na amostra, 53% dos alunos têm 11 anos, 42% têm 12 anos e 5% (um aluno) tem treze anos.

Tabela I- Habilitações escolares do PAI

	Frequência	Percentagem
6.ºano	2	10,5
9.º ano	5	26,3
12.º ano	4	21,1
Licenciatura	8	42,1
Total	19	100,0

Na amostra, quanto às habilitações do pai, 11% têm o 6.º ano, 26% têm o 9.º ano, 21% têm o 12.º ano e 42% têm licenciatura.

Tabela II- Habilitações escolares da Mãe

	Frequência	Percentagem
4.ª Classe	1	5,3
6.ºano	1	5,3
9.º ano	3	15,8
11.ºano	1	5,3
12.º ano	4	21,1
Licenciatura	9	47,4
Total	19	100,0

Na amostra, quanto às habilitações da mãe, 5% (um elemento) tem o 4.º ano, 5% (um elemento) tem o 6.º ano, 16% têm o 9.º ano, 5% (um elemento) tem o 11.º ano, 21% têm o 12.º ano e 48% têm licenciatura.

Tabela III- Desde que entraste para o 1º ano reprovaste alguma vez?

	Frequência	Percentagem
Não	18	94,7
Sim	1	5,3
Total	19	100,0

Na amostra, apenas 5% (um aluno) reprovou alguma vez desde que entrou para o 1º ano, tendo especificado na questão seguinte que ficou retido no 2.º ano

7 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

7.1 – AGRESSÕES

Tabela IV- Desde que este período começou quantas vezes te fizeram mal?

	Frequência	Percentagem
Nenhuma	9	47,4
1 ou 2 vezes	4	21,1
3 ou 4 vezes	4	21,1
5 ou mais vezes	2	10,5
Total	19	100,0

Na amostra, relativamente à questão sobre quantas vezes te fizeram mal podemos considerar que 31,6% da amostra é vítima de bullying tendo em conta a frequência de vitimização.

Tabela V- Como é que te têm feito mal?

	N	%
Bateram-me, deram-me murros ou pontapés	5	26,3%
Roubaram-me	0	
Pediram-me dinheiro emprestado e não o devolveram	1	5,3%
Ameaçaram-me, meteram-me medo	0	
Chamaram-me nomes feios.	9	47,4%
Andaram a falar de mim, dizem segredos sobre mim	7	36,8%
Não falam comigo	4	21,1%
Espalharam mensagens (msm) via telemóvel ou internet para me fazerem mal	0	
Insultaram-me pela minha cor ou raça	0	
Não brincam comigo e deixam-me sozinho	5	26,3%
Fizeram-me outras coisas.	0	
Ninguém me fez mal	8	42,1%

Na amostra apenas 42,1% assinalam “Ninguém me fez mal”, 47,4% respondem “Chamaram-me nomes feios”, 36,8% indicam “Andaram a falar de mim, dizem segredos sobre mim”, 26,3% referem “Bateram-me, deram-me murros ou pontapés”, 26,3% assinalam “Não brincam comigo e deixam-me sozinho”, 21,1% respondem “Não falam comigo” e 5,3% indicam “Pediram-me dinheiro emprestado e não o devolveram”, enquanto as possibilidades “Roubaram-me”, “Ameaçaram-me, meteram-me medo”, “Espalharam mensagens (sms) via telemóvel ou internet para me fazerem mal”, “Insultaram-me pela minha cor ou raça” e “Fizeram-me outras coisas” não são assinaladas por nenhum aluno.

Tabela VI- Em que sítios é que te têm feito mal?

	N	%
Em lado nenhum	8	42,1%
Nos corredores e nas escadas	3	15,8%
No recreio	10	52,6%
Na sala	2	10,5%
Na cantina		
Nas casas de banho		
Nos balneários	5	26,3%
Noutro sítio		

Na amostra, 42,1% respondem “Em lado nenhum”, 52,6% assinalam “No recreio”, 26,3% indicam “Nos balneários”, 15,8% referem “Nos corredores e nas escadas” e 10,5% respondem “Na sala”, enquanto que as possibilidades “Na cantina”, “Nas casas de banho” e “Noutro sítio” não são assinaladas por nenhum aluno. Verificamos que são os espaços com menos supervisão a potenciar o risco.

Tabela VII- De que turma são os rapazes ou raparigas que te têm feito mal?

	N	%
Ninguém se meteu comigo este período	5	47,4%
São da minha turma	10	52,6%
São de outra turma	4	21,1%

Verificamos que a maior parte das agressões é perpetrada por colegas da turma.

Tabela VIII- De que idade são os rapazes ou raparigas que te têm feito mal?

	N	%
Ninguém se meteu comigo	9	47,4%
São da minha idade	10	52,6%
São mais velhos		
São mais novos	2	10,5%

52,6% indica que são da mesma idade, o que é compatível com as respostas na questão anterior em que os agressores são da própria turma.

Tabela IX- Quem te fez mal?

	Frequência	Percentagem
Ninguém se meteu comigo	9	47,4
Um rapaz	1	5,3
Vários rapazes	2	10,5
Rapazes e raparigas	7	36,8
Total	19	100,0

Na amostra, relativamente à questão sobre quem lhe fez mal, 47% dos alunos respondem ninguém se meteu comigo, 37% respondem rapazes e raparigas, 11% respondem vários rapazes e 5% (um aluno) responde um rapaz.

Tabela X- Quantas vezes te fizeram mal no caminho da escola este período?

	Frequência	Percentagem
Nunca se meteram comigo	17	89,5
1 ou 2 vezes este período	2	10,5
Total	19	100,0

O percurso entre a escola e a casa não se apresenta como local de risco.

Tabela XI- Quantas vezes os professores tentaram parar os rapazes ou as raparigas que fizeram mal a outros?

	Frequência	Percentagem
Não sei	8	42,1
Às vezes	8	42,1
Muitas vezes	3	15,8
Total	19	100,0

Na amostra, relativamente à questão sobre quantas vezes os professores tentaram parar os rapazes ou as raparigas que fizeram mal a outros, 42% dos alunos respondem não saber, 42% respondem às vezes e 16% respondem muitas vezes.

Tabela XII- Disseste a alguém que te fizeram mal na escola?

	N	%
Não me fizeram mal	11	57,9%
Não disse a ninguém	2	10,5%
Sim, disse a um ou 2 amigos	3	15,8%
Sim, disse aos meus amigos	1	5,3%
Sim, disse ao professor ou Director de Turma	3	15,8%
Sim, disse aos meus pais ou encarregado de educação	6	31,6%
Sim, disse a um irmão ou irmã		
Sim, disse a um funcionário	2	10,5%
Sim, disse ao psicólogo da escola		

Verificamos que há uma grande percentagem de alunos que pede ajuda ou pelo menos fala sobre a situação.

Tabela XIII- Há rapazes ou raparigas que te defenderam quando outros te tentaram fazer mal?

	Frequência	Percentagem
Ninguém me fez mal	9	47,4
Ninguém me ajudou	1	5,3
1 rapaz	1	5,3
2 ou mais rapazes	4	21,1
2 ou mais raparigas	2	10,5
Rapazes e raparigas	2	10,5
Total	19	100,0

Apenas um aluno não teve qualquer ajuda dos colegas

Tabela XIV- O que fazes quando vês um colega da tua idade a ser agredido na escola?

	N	%
Nada, não é nada comigo	5	26,3%
Nada, mas acho que deveria ajudar	1	5,3%
Nada porque podem vingar-se em mim	2	10,5%
Tento ajudá-lo ou ajudá-la como posso	6	31,6%
Chamo alguém para ajudar	6	31,6%
Ajudo só se for meu amigo ou amiga	1	5,3%
Ajudo mesmo que não conheça	9	47,4%

Verifica-se que os alunos, em geral, sentem necessidade de intervir embora cinco considerem não ter que intervir, um acha que devia fazer algo e dois têm medo de sofrer represálias.

7.1.3- ACERCA DE AGREDIRES OUTROS JOVENS

Tabela XV- Quantas vezes fizeste mal a outro (s) colega (s) na escola, este período?

	Frequência	Percentagem
Nenhuma	11	57,9
1 ou 2 vezes	6	31,6
3 ou 4 vezes	1	5,3
5 ou mais vezes	1	5,3
Total	19	100,0

Na amostra, relativamente à questão sobre quantas vezes fez mal a outro (s) colega (s) na escola existem dois agressores, rapazes, que agrediram os colegas 3 ou mais vezes durante o período

Tabela XVI- Se fizeste mal a algum colega na escola este período, diz porque o fizeste?

	N	%
Não fiz mal a nenhum colega	11	57,9%
Porque tive de me defender	6	31,6%
Porque me irritaram	3	15,8%
Para mostrar como sou forte		
Faz-me sentir que sou melhor do que os outros		
Para evitar que me façam mal	1	5,3%
Para ser admirado e popular		
Porque faz-me sentir bem		
Por outro motivo		

Foram indicadas três razões para agredir sendo que a defesa pessoal foi assinalada por 31,6%

Tabela XVII- Quantas vezes te juntaste a outros colegas para fazer mal a algum rapaz ou a alguma rapariga na escola, este período?

	Frequência	Percentagem
Nunca	18	94,7
Só 1 ou 2 vezes	1	5,3
Total	19	100,0

Esta resposta contraria os dados obtidos na tabela 9, acerca dos agressores de acordo com as vítimas em que a opção rapazes e raparigas são assinaladas por 36,8 dos alunos.

Tabela XVIII- Quantas vezes tomaste parte em agressões a outros jovens no caminho da escola, este período?

	Frequência	Percentagem
Nunca	19	100,0
Total	19	100,0

Na amostra, todos os alunos respondem que nunca tomaram parte em agressões a outros jovens no caminho da escola, este período

Tabela XIX- Ajudavas a agredir um colega que não gostasses?

	Frequência	Percentagem
Não	19	100,0
Total	19	100,0

Na amostra, todos os alunos respondem que não ajudavam a agredir um colega que não gostassem.

8-Discussão dos resultados

Segundo Olweus o bullying é caracterizado pelos seguintes três critérios: (A) é um comportamento agressivo (B) que é realizado "repetidamente e ao longo do tempo" e (C) em uma relação interpessoal caracterizada por um desequilíbrio de poder. Pode-se acrescentar que o comportamento de bullying ocorre frequentemente sem provocação aparente. Esta definição deixa claro que o bullying pode ser considerado uma forma de abuso e às vezes uso o termo abuso de pares para rotular o fenómeno. O que define, além de outras formas de uso, tais como abuso infantil entre outros, é o contexto em que ocorre e as características de relacionamento das partes envolvidas.

Com este trabalho pretende-se, fundamentalmente, apurar se existem casos de bullying na amostra composta pela turma do 2.º Ciclo da Escola Básica D. Miguel de Almeida.

Posteriormente à apresentação dos dados obtidos no questionário adoptado, primo agora pela discussão dos resultados aferidos em consonância com a revisão da literatura supra citada.

Sendo a turma caracterizada quanto ao género por 69% dos alunos do sexo masculino e 32% dos alunos do sexo feminino, em função dos diversos estudos sobre bullying, parecia potenciar a sua existência.

Verificamos que 31,6%, o que equivale a 6 alunos, é vítima de bullying visto que foram agredidos 3 ou mais vezes durante o 3º período (Tabela 5)

“... Alguns estudos, apontam que são os rapazes que sofrem mais intimidações e burlas...” Serrate (2014).

De acordo com os dados recolhidos no questionário mais de 50 % da turma já foi vítima de agressões, sendo estas variáveis desde a agressão física como: “ Bateram-me, deram-me murros ou pontapés”, que é um tipo de comportamento directo; tal como: “ Chamaram-me nomes feios”, mas de cariz não físico; e até à agressão Social: “Não brincam comigo e deixam-me sozinho”, sendo este um comportamento indirecto.

Ainda segundo Serrate (2014) “...a agressão verbal e agressão física directa são os tipos de bullying mais protagonizado pelos rapazes [...] verbal ou social, são infligidas e sofridas com maior incidência pelas raparigas.”

O maltrato por abuso de poder pode ter diferentes formas: pode ser um maltrato direto, isto é, agressões do tipo intimidatório que, por sua vez, pode incluir danos físicos ou verbais; ou, então, adoptar formas de maltrato indirecto, como a exclusão social.

A partir da análise dos resultados ficou demonstrado que, nesta amostra, a maior percentagem de casos de agressão (52,6%) ocorre no recreio. Sendo o recreio o espaço onde as crianças passam grande parte do tempo a brincar e socializar, também é o espaço onde se potenciam maiores casos de agressões. Este é um espaço com menor supervisão e controlo dos adultos o que permite aos provocadores/agressores agir e ter a sensação de impunidade.

O recreio da escola é um espaço fundamental para o desenvolvimento da criança e, como espaço de jogo que é, tem sido negligenciado. (Neto 2007)

São necessários novos olhares, sobre estes espaços como espaços de jogo, mas também por ser onde o bullying é mais frequente. (Pereira 2008)

Para uma grande parte das crianças é no recreio que passam os melhores momentos do dia na escola Blatchford, Creaser & Monney (1990) citados por Pereira (2002).

Nesta situação são de destacar as características físicas da escola que foi recentemente remodelada, mas manteve as características estruturais de há décadas. Possui blocos em forma de cubo com variadas salas e com acessos num dos cantos. Tal como a parte exterior do pavilhão escolar¹¹ que é composta pela pista de atletismo. Este espaço é muito reservado e permite, em tempo de intervalo, os alunos usufruírem de um local onde a observação sobre si é quase nula.

Cantos e locais que permitem aos alunos espaços calmos e resguardados que, maioritariamente, não têm vigilância de Auxiliares ou Professores. Aliado a esses espaços está a constante diminuição do pessoal auxiliar, tal como a conjectura escolar atual, esta situação diminui a efectividade dos serviços gerais e consequentemente situações de supervisão. A ausência de vigilância e resguardo dos espaços são factores facilitadores do aparecimento das práticas de agressão e de bullying.

¹¹ Fotografia consta em anexo

Pereira (2002) Refere que “...Alguns alunos procuram recantos do recreio onde há menor número de crianças, por terem dificuldades de se integrarem em grupo” Este isolamento é potenciador de situações de agressão por falta de apoio dos pares.

Verificámos que a grande percentagem de alunos da turma que já tinha sido agredida (52,6%), o foi através de alunos da mesma turma, o que reflete alguma instabilidade demonstrada pela turma enquanto grupo, e está de acordo com o que é referido noutros estudos a nível nacional e internacional.

Como referido anteriormente o ano escolar decorreu sem problemas sem ocorrências significativas, mas em momentos de avaliação, os alunos tornavam-se mais inquietos, agressivos e até manipuladores de forma ostensiva entre si.

36,8% dos alunos inquiridos respondeu que os agressores foram rapazes e raparigas.

52,6% dos alunos da turma refere ter sido agredido por colegas da turma da sua idade tal como refere Pereira (2002)

Sendo o Concelho de Abrantes disperso, e de acordo com localização geográfica da escola, os alunos têm de usar meios de transporte para chegar à escola, embora também haja embora de forma diminuta, quem o faça a pé.

Esta situação implica que no caminho da escola haja um acompanhamento mais presencial através dos pais, encarregados de educação e também do projeto Escola Segura¹² diminua de forma visível situações passíveis de originar conflitos e seja um espaço dissuasor de focos problemáticos.

Segundo Paias (2014) o receio de sofrerem novas ameaças e humilhações, aliado ao medo da exposição, reforça a ideia de que não vale a pena denunciar. Um dos alunos da turma informou que preferia continuar a ser vítima do que todos saberem que já tinha sido vítima de bullying.

Apenas dois alunos (10,6%) referem ter agredido sistematicamente (3 ou mais vezes) o que os coloca no grupo que podemos considerar como Bullies/agressores

¹² Programa em anexo

Citando Rebolo (2017) Alguns professores e educadores ficam surpreendidos com a capacidade das crianças para passarem os tempos de recreio escolar em actividade física contínua[...]ficam ainda mais surpreendidos porque para algumas crianças estes tempos servem apenas para lutar com os colegas, lutas estas que os adultos procuram travar por as considerarem perigosas, porque desconhecem exactamente o que se passa e apenas as crianças os podem informar se a luta era a brincar ou se estavam realmente zangados.

As estratégias utilizadas pelos alunos inquiridos perante a ameaça ou agressão, são importantes, para a prevenção e inibição da prática de bullying. Os alunos da turma falaram com os pais ou encarregados de educação (31, 6%) ou com o diretor de turma (15,8%) o que permite encontrar estratégias/soluções para os problemas.

Os alunos que gostariam de ajudar nem sempre o fazem por medo (10,5%) ou por não saberem o que fazer. Ajudam ou tentam ajudar os amigos ou mesmo os desconhecidos (47,4%).

A maior parte das crianças não aprova o bullying, mas como é uma prática habitual na escola, toleram-no. O stress que decorre destas vivências deve ser substituído por valores de cooperação de pequenos grupos. Pereira (2002)

Não nos é possível identificar os dois agressores nem as seis vítimas sistemáticas de modo a intervir no sentido da prevenção. Tanto os dois agressores como as seis vítimas deveriam ser alvo de atenção tendo em conta que o envolvimento em comportamentos de risco como a violência extrema e o suicídio são frequentemente associados à vivência de situações de bullying em idades mais jovens.

9-Processo no concelho de Abrantes

A pertinência da referência de um processo sobre o bullying neste estudo resume-se a três importantes vetores:

1. Caso de Bullying numa escola do concelho de Abrantes;
2. Local da ocorrência ligada directamente à disciplina de Educação Física;
3. Situação ocorrida no concelho de Abrantes com necessidade de intervenção judicial.

Este caso ocorreu na escola sede do agrupamento, com duas alunas nascidas em 2000, e teve intervenção judicial.

A nível criminal o Bullying, em Portugal, não constitui crime penal. Antes dos 16 anos não é criminalizado. Esta situação está relacionada, juridicamente, pelo facto de existirem artigos no código penal, tais como o Art.º 180 e o Art.º 181¹³ que são demasiados latos e abrangentes em caso de bullying, entroncando, também juridicamente, do facto de até aos 16 anos os menores são abrangidos pelo conceito de incapacidade, isto é, falta de consciência, dessa forma torna-se inverosímil a aplicação de pena criminalizada.

O Processo:

I

Processo:	Processo Comum (Tribunal Singular)	Referência: Data:
Autor: Ministério Público e outro(s)...		
Arguido:		

Notificação por via postal registada

Assunto: Artigos 313º e 315º do C. P. Penal

Fica V. Exª notificado, na qualidade de Patrono do(a) Ofendido residente no(a) _____ nos termos e para os efeitos a seguir mencionados:

De que foi designado o **dia 22-06-2017, às 11:00 horas**, para a realização da audiência de julgamento nos autos acima indicados. Em caso de adiamento, nos termos do disposto do art.º 312º, n.º 2 do C. P. Penal, fica desde já designado o **dia 03-07-2017, às 14:00 horas**, do qual fica também notificado.

De todo o conteúdo do despacho que recebe a acusação/pronúncia e designa dia para julgamento, cujas cópias se juntam, e para os prazos e obrigações dele decorrentes – artºs 313º, n.º 2 e 315º do mesmo diploma legal.

¹³ Artigos constam em anexo

II

O **MINISTÉRIO PÚBLICO** deduz acusação, para julgamento em processo comum e com intervenção de Tribunal Singular, contra:

solteira, estudante, nascida a-2000,
filha de
titular do documento de identificação n.º, residente na
em Abrantes

porquanto indiciam suficientemente os autos que:

No ano letivo 2015/2016 a arguida frequentou o 8º ano, turma na Escola em Abrantes, em que a ofendida também estava inscrita.

Nos balneários dessa escola, a partir do dia 17-01-2016 e depois das aulas de educação física em que a arguida e a ofendida estiveram presentes, a arguida abeirou-se da ofendida e puxou-lhe os cabelos e desferiu-lhe pancadas nas nádegas com a escova de cabelo.

Em consequência direta e necessária atuação da arguida, Sara Isabel Cabeças Lizardo sofreu dores e mal-estar.

Ao atuar da forma descrita a arguida quis, como conseguiu, molestar fisicamente e maltratar o corpo e saúde da ofendida e atingi-la na sua integridade física.

Agiu sempre de forma livre, voluntária e consciente, bem sabendo que a sua conduta era proibida e punida por lei.

Pelo exposto, cometeu a arguida, como autora material, sob a forma consumada, 1 (um) crime de ofensa à integridade física, p. e p. pelo artigo 203º, n.º 1 do Código Penal.

III

Medidas de Coação:

Por se mostrar suficiente, adequado e proporcional às concretas exigências cautelares que o caso requer e não se verificando quaisquer das circunstâncias previstas no artigo 204º do Código de Processo Penal, nos termos das disposições conjugadas dos artigos 191º, 192º, 193º, n.º 1 e 196º do mesmo diploma legal, deve a arguida, aguardar os ulteriores termos do processo sujeito a Termo de Identidade e Residência oportunamente prestado, sem prejuízo duma eventual alteração em face de modificação das circunstâncias fácticas.

Notifique o precedente despacho de acusação, nos termos do artigo 277º, n.º 3 ex-vi artigo 283º n.º 5 e artigo 283º, n.º 6, todos do Código de Processo Penal.

Suzanna, 23-02-2017

(prova de redação do serviço)

Tudo eletronicamente assinado e integralmente revisto pela signatária.

(artigo 1º do Código de Processo Penal)

IV

Medidas de Coação:

Por se mostrar suficiente, adequado e proporcional às concretas exigências cautelares que o caso requer e não se verificando quaisquer das circunstâncias previstas no artigo 204º do Código de Processo Penal, nos termos das disposições conjugadas dos artigos 191º, 192º, 193º, n.º 1 e 196º do mesmo diploma legal, deve a arguida, aguardar os ulteriores termos do processo sujeito a Termo de Identidade e Residência oportunamente prestado, sem prejuízo duma eventual alteração em face de modificação das circunstâncias fácticas.

Notifique o precedente despacho de acusação, nos termos do artigo 277º, n.º 3 ex-vi artigo 283º n.º 5 e artigo 283º, n.º 6, todos do Código de Processo Penal.

V – Ata de audiência de discussão e julgamento

Tribunal Judicial da Comarca de Santarém
Juiz Local Criminal de Abrantes
Eplanada 1.º de Maio
2300-320 Abrantes
Telf: 241360560 Fax: 241003519 Mail: juizloc@tribjcmis.org.pt

De seguida, pela ofendida _____ solteira, nascida em _____ 999, foi pedida a palavra e no uso da qual disse: _____ desiste da queixa por si apresentada contra a arguida _____ e que esta lhe faça um pedido de desculpa.

Dada a palavra à arguida _____ solteira, nascida em _____ 2000, domiciliada em _____ Abrantes, a mesma pediu desculpa à ofendida, tendo igualmente aceite a desistência da queixa.

De imediato foi dada a palavra à Digna Magistrada do M.º P.º que no uso da mesma disse:
"Atenta a natureza semipública do crime que se encontra imputado à arguida, a manifestação de vontade por parte da ofendida, no sentido de desistir da queixa e a não oposição da arguida, nada temo a ser à homologação da desistência da queixa".

Dada a palavra aos Ilustres Patrono da ofendida e Defensora oficiais da arguida, pelos mesmos foi dito nada ter a opor ou a requerer.

De seguida, pela Mm.ª Juíza foi proferida a seguinte:

SENTENÇA HOMOLOGATÓRIA

"Vem a arguida _____ acusada da prática de um crime de ofensa à integridade física simples prevista e punida pelo artigo 143º, n.º 1 do Código Penal, crime que reveste de natureza semipública, nos termos do artigo 143º, n.º 2 do Código Penal, podendo o queixoso desistir da queixa nos termos do artigo 116º do Código Penal.

Assim, em face das declarações da queixosa _____ a não oposição da arguida _____ a posição manifestada pelo Ministério Público, julgo válida a desistência de queixa e, consequentemente, a homologo pela presente sentença, declarando extinto o respetivo procedimento criminal, nos termos das disposições conjugadas nos artigos 49º e 51º n.ºs 2 e 3 do Código do Processo Penal e artº 116º, n.º 2 do Código Processo Penal.

Sem custas.

Pelo exposto dou sem efeito a presente audiência e discussão e julgamento.

Desconvoque, notifique e deposite.

Oportunamente archive-se".

9.1 – Análise do processo

Como referi anteriormente, a introdução deste processo relaciona-se com o contexto, agressões reiteradas num espaço com supervisão limitada (balneários após a aula de Educação Física) e com as características: decorreu numa escola do concelho de Abrantes.

A vítima e a agressora são do sexo feminino sendo a agressora um ano mais velha que a agredida. A prática de agressão inicialmente começou a ser verbal embora como já referi de forma reiterada, a vítima numa fase inicial não pediu ajuda ou informou a escola, os encarregados de educação, a directora de turma ou sequer amigos., embora as agressões de que era vítima eram presenciadas pelas amigas da agressora em locais, na escola, de difícil supervisão.

Durante as práticas de agressão a vítima começou a apresentar sintomas diversos: náuseas, pouca vontade de ir à escola, distúrbios alimentares, alterações de humor, tristeza permanente.

Rapidamente as agressões passaram de verbais para físicas, como consta no processo.

Após algum tempo de agressões diárias, a agredida contou à mãe as agressões de que era vítima, o conselho da mãe foi para que esta evitasse o encontro com a agressora, e colegas (quando passaram a ser agressões físicas o número de agressores aumentou). O grupo de agressores quando chegava à escola ia à procura da vítima para a agredir.

A mãe resolveu recorrer a um advogado, para avançar com um processo. Aqui de ressaltar que a primeira escolha da mãe foi recorrer a um advogado e não a ajuda da escola.

Situação que levou à instauração de um processo comum por parte da agredida de forma a terminar com a situação.

Durante a audiência e com a explanação dos factos a agredida “apenas” exigiu um pedido formal de desculpas por parte da agressora. Tal foi aceite e realizado ainda com a promessa de as agressões não se voltarem a reiterar ou repetir.

10 -Três Visões sobre o Bullying

Através de conversa informal, inicialmente, e posteriormente por correio electrónico enviei algumas perguntas para pessoas que intervêm em diferentes áreas e que autorizaram a utilização da informação recebida.

Estas perguntas têm como objetivo inferir a opinião e sensibilidade relativamente à temática do Bullying das seguintes entidades:

- ✓ Dr.º José Carlos Rento: Coordenador da Escola Básica D´ Miguel de Almeida
- ✓ Prof.ª Cristina Ferreira Martins: Professora de Educação Física/Coordenadora de Departamento, na Escola Básica D´Miguel de Almeida;
- ✓ Dr. Duarte Heleno: Psicólogo Educacional no Concelho de Abrantes.

Nome: Duarte Heleno

Profissão: Psicólogo

1- Já alguma vez trabalhou com casos de Bullying? Se sim quais as medidas que tomou? Sim. Como falamos de menores, as primeiras medidas passam por informar os pais, ou os adultos responsáveis pelo menor. É importante garantir que a criança/ Jovem, a partir do momento em que partilha a informação não estará mais exposta a tais atos. Esta garantia passa sempre pelo envolvimento dos pais e da escola. O passo que se segue será então a avaliação psicológica da criança/ jovem para que se possa intervir ao nível da saúde mental.

2- Quais as consequências para uma criança que é alvo de Bullying?

As consequências são sempre desconhecidas, pois dependem sempre de vários fatores, nomeadamente a personalidade da “vítima”. À efetivamente já alguns traços que conhecemos pelo facto de ser “vítima”, traços gerais que são comuns a todas as pessoas que passam por esta condição, no entanto, são todos os outros traços e características de personalidade que desconhecemos, que nos indicam as verdadeiras consequências. Contudo podemos falar de um possível quadro de depressão, ansiedade, até algo mais grave como sintomas psicossomáticos, auto-agressão e em último grau, casos muito particulares de adolescentes onde pode estar presente o “suicídio”.

3- Reportando-se ao concelho de Abrantes, que estratégias ao nível escolar se poderiam adoptar para a prevenção dos diversos tipos de bullying?

Ao nível das estratégias não podemos delinear estratégias específicas para este ou outro Concelho, ou mesmo escola. No limite, poderemos considerar características de grupos escolares e a partir daí delinear um conjunto de estratégias que nos pareçam as mais adequadas ao grupo específico. Contudo, a prevenção é a melhor estratégia que podemos adoptar, quero dizer com isto, envolver toda a comunidade escolar no sentido de debater e trabalhar sobre este tema, ano após ano, com a ajuda de técnicos especializados, professores, pais, alunos e auxiliares. Fazer com que o tema esteja presente, e garantir que os alunos possam ter as “ferramentas necessárias” para lidar com uma situação como esta, no fundo, não deixar o bullying cair no esquecimento pensando que é um tema de menor importância e já muito falado, não basta saber o significado do termo, é preciso saber como lidar com ele e como o identificar.

4- Enquanto Educadores como podemos diferenciar as brincadeiras agressivas da prática de bullying?

O bullying é difícil de detetar, apenas conseguimos fazê-lo já numa fase avançada, pois são as alterações comportamentais das vítimas que levantam as primeiras suspeitas de que algo não está bem. Penso, por isso, que não se pode diferenciar podemos e devemos querer conhecer cada aluno melhor e mais profundamente, para que desta forma possamos então saber se o seu comportamento está normal ou não no seu dia-a-dia. Esta é uma função importante de todos os agentes educativos, conhecer os alunos, que nunca se tornem apenas “números”.

5- Reportando-se ao concelho de Abrantes, que estratégias ao nível escolar se poderiam adoptar para a prevenção dos diversos tipos de bullying?

Enquanto estratégia específica, comum a qualquer concelho, deixo um exemplo que tem sido utilizado com muito sucesso, as técnicas de “Role-Play”. O “ Role-Play” assenta sobretudo num jogo onde os alunos são obrigados a trocar de papéis, numa qualquer representação ensaiada pelo professor ou técnico. Esta troca de papéis aplicada a situações ensaiadas de bullying, leva a que num ambiente controlado, se possa fazer com que os agressores sejam as vítimas e vice-versa, ou seja, os alunos experimentam o que é ser vítima e o que é ser agressor. Por vezes os agressores só ganham consciência da violência psicológica pela qual fazem as vitima passar, quando estes papéis se invertem, o que torna esta estratégia a minha preferida e com resultados muito positivos.

Nome: José Carlos Rento

Cargo: Coordenador da Escola

1- Qual a média de registos de ocorrência, relacionadas com agressões ou Bullying, nos últimos 3 anos.

Grande parte das ocorrências não chegam a ser participadas, desconhecendo a razão, talvez por se tratar de alunos situados num escalão etário ainda baixo (10 anos e os 16 anos), ou então por recearem repercussões ou então por vergonha.

Em média, as participações anualmente não são mais de meia dúzia.

2- Quais os tipos de atos mais cometidos?

Grande parte das agressões por norma, são mais verbais, ameaças, ofensas pessoais e familiares, as físicas não passam de uns empurrões, por vezes bofetadas ou pontapés.

3- Há registos de ocorrências sobre Professores ou auxiliares?

Não são significativas, mas já tem acontecido ao nível de ofensas verbais.

4- Como considera o comportamento, de forma geral, dos alunos durante o recreio? E se existem locais na escola onde os alunos não tenham qualquer possibilidade de supervisão.

Por vezes existe alguma dificuldade em supervisionar todos os espaços exteriores da escola, uma vez que a sua dimensão é significativa, existindo alguns espaços mais escondidos atrás de certos blocos ou do arvoredado, também por vezes por escassez de assistentes operacionais.

5- Neste agrupamento existem estratégias partilhadas de prevenção do Bullying?

Estratégias propriamente ditas ainda não existem, pois as ocorrências participadas ainda não o imperaram, mas existe sempre uma preocupação em tomar conhecimento de todas as situações e posteriormente tomar medidas disciplinares, comunicar com o encarregado de educação e por vezes, em caso de situações mais graves, dar conhecimento aos agentes da Escola Segura.

No próximo ano letivo, como se prevê uma redução do número de alunos, já foi equacionado encerrar alguns blocos da parte da tarde, de forma a libertar mais funcionários com a função de realizarem com maior regularidade ou até permanentemente a vigilância dos pátios de forma a tentar prevenir situações de absentismo ou mesmo de tentativas de Bullying.

6- Sendo professor do 2º Ciclo, acha que os alunos têm consciência do que é o Bullying?

Sinceramente penso que não, no entanto, a palavra também passou a ser utilizada de uma forma muito casual, servindo como justificação para situações comuns em pequenos litígios que por vezes não passam de zangas passageiras e se resolvem ao fim de poucos minutos. No entanto, o Agrupamento e a Escola Segura já têm promovido ações de sensibilização para o tema, dando a conhecer e alertando para formas de prevenir ou participar ocorrências que envolvam quaisquer tipos de agressões.

Nome: Cristina Martins Ferreira

Cargo: Coordenadora Grupo de Recrutamento – Educação Física 260

1- Este ano houve alguma ocorrência na turma que indicasse a prática de bullying na turma?

Considero que não. Houve algumas tentativas de manipulação por parte de alguns alunos na tomada de decisões, fazendo-se notar a vontade de excluir os “mais fracos” mas rapidamente a situação era resolvida, pelo menos em situação de aula.

2- Na sua opinião, como se deve agir com os alunos em caso de Bullying?

Após identificar e caracterizar a situação na sua dimensão, modo e formas agir de forma diferenciada consoante o conhecimento do tipo de alunos em questão.

Junto do aluno “vítima” através do diálogo ajudá-lo a compreender a estrutura montada sobre si, transmitir-lhe segurança e compreensão, elevando a sua auto-estima para o fortalecer no comportamento a tomar em sua defesa; levá-lo a confessar e pedir ajuda, sempre que necessário, envolvendo pais, director de turma e restantes professores e auxiliares da acção educativa.

Junto do aluno ou grupo de alunos “agressor” consciencializa-los das atitudes que consequências dos seus atos, levando-os tipificar comportamentos.

Comunicar aos pais e encarregados de educação de ambos, promovendo sessões de tomada de consciência dos comportamentos e atitudes dos seus educandos perante a gravidade da situação.

Quando necessário e se possível, envolver os serviços de psicologia escolar também para ambos.

3- Sendo professora do 2º Ciclo, acha que os alunos têm consciência do que é o Bullying?

Parece-me que nesta faixa etária não. Os alunos atuam muitas vezes de forma reiterada com abusos, humilhações e agressões, a maior parte das vezes verbais e de forma continuada, mas sem a consciência da gravidade da situação e do que estão ou poderão a vir a provocar no outro e muito menos o consideram bullying por não saberem exactamente o seu conceito.

10.1- Análise

À leitura das respostas obtidas, conclui-se que o Dr.º Duarte Heleno escreve que quando se deteta que poderá existir uma situação de agressão se deverá de imediato avisar os pais e não expor a criança de forma a protege-la.

Escreve ainda que as crianças vítimas de agressão poderão apresentar quadros de depressão, ansiedade ou até algo mais grave, como alguns estudos indicam poderá inclusive levar ao suicídio. Ao atentarmos ao que afirma Olewus (1997) as características psicológicas da vítima são: frágil, insegura, ansiosa, cautelosa, sensível, calma.

O Dr.º José Carlos Rento e a Prof.^a Cristina Martins Ferreira são unânimes quanto à não perceção da prática de bullying por parte dos agressores devido à idade. Responderam terem a noção de haver casos de agressão, maioritariamente verbal.

Consideram ainda que o diálogo e pedir ajuda deverá ser uma das estratégias de prevenção por parte dos agredidos.

O Coordenador refere também que a escassez de auxiliares é um dos motivos que leva à dificuldade de supervisão.

11- Considerações Finais

Já Piaget, ao identificar as diferentes fases do desenvolvimento infantil, observou que a agressividade é um sentimento que se encontra presente desde muito cedo na criança. É a forma como a criança lida com essa agressividade e a vira contra o exterior, contra si ou contra o outro, que nos dá uma noção da sua adaptabilidade.

Confirmámos a existência de bullying na turma, sendo seis alunos vítimas e dois alunos agressores.

Alexander (2007) referiu que 80% dos casos relatados de bullying são do tipo não físico. Como mostra a tabela V, 47,4% da turma responde que foi vítima de agressão verbal enquanto 36,8% de exclusão social. As vítimas de agressão física durante o período são de 26,3% na turma.

Entre os doze e os catorze anos encontramos mais episódios de maus tratos, diminuindo ligeiramente até aos dezasseis anos. (Serrate 2009)

Segundo Almeida (1995) citada por Pereira (2002), as crianças agressivas são mais populares do que as vítimas. São ativamente rejeitadas, mas geralmente têm um, dois ou três amigos que o apoiam nas práticas agressivas, dificilmente são crianças isoladas socialmente.

Aqui entronca a agressão entre pares explanada no processo, a vítima era agredida de forma constante por quatro a seis agressores de diferentes géneros. Alguns cometiam agressões físicas, outras agressões verbais e todos eles cometiam a exclusão social.

Não sendo possível, devido ao anonimato, identificá-los pelo questionário devem os professores e auxiliares assumir um papel de observadores mais atentos para prevenir agressões em especial no recreio.

Olweus (1991) citado por Serrate (2014) afirma que encontra uma relação entre a presença de professores e a quantidade de problemas de agressão na escola. Quanto maior for o número de professores que vigiam os períodos livres, menor é o número de incidentes relacionados com a agressão na escola.

A escolha do instrumento, Questionário, revelou-se fundamental para a constatação dos factos e dados, mesmo mantendo o anonimato e tendo sido realizado uma única vez num contexto de sala as respostas foram elucidativas e revelaram casos de agressão decorridos este período.

A turma pode ser ajudada através de formações ou estratégias de resolução de conflitos e apoio aos alunos que cooperam com os colegas e ajudem a resolver problemas.

Utilizar de forma programada e geral a técnica fundamentada pelo Dr. Duarte Heleno, “Role Play” seria uma boa estratégia de perceção por parte dos alunos e prevenção por parte da comunidade escolar.

Da formação e prevenção fariam parte, também, os auxiliares dado que são os que mais perto estão dos alunos na altura do recreio e por vezes embora, nesta situação, poderá entrar a questão relacionada com a forma com a supervisão será feita. Será que os auxiliares estão aptos a detetar possíveis casos de bullying? Quais os procedimentos perante alguma situação? Estas questões serão transversais a todos os intervenientes, Professores, Encarregados de Educação, entre outros.

Como refere a tabela VI 52,6% dos alunos da turma responderam que foram agredidos no recreio.

Nesta ótica o Coordenador Escolar, Dr.º José Carlos, já delineou a estratégia de observação e controlo no próximo ano lectivo onde, devido à redução do número de alunos, é possível encerrar alguns blocos para que os auxiliares possam controlar visualmente os pátios e até as zonas de difícil acesso para diminuir e prevenir atos de indisciplina que possam originar casos de bullying.

A escola não deve mostrar qualquer tipo de tolerância em relação à provocação ou à intimidação escolar [...] A escola deverá adoptar uma atitude muito clara e firme, exemplar para o resto dos alunos. Serrate (2009)

No processo aludido neste trabalho a aluna agredida reportou que as agressões físicas tiveram início no balneário, algo que na turma como indica a tabela VI também aconteceu com 26,3% dos alunos da turma.

“Pior do que sofrer de bullying é o aluno saber que todos à sua volta sabem disso”¹⁴

Embora as vítimas de agressão, por norma, tenham receio em falar ou ocultando o sucedido na turma inquirida 31, 6% dos alunos disse que falou com os pais ou encarregados de educação após lhes terem feito mal e apenas 10,5% recorreram à escola falando com um funcionário.

Refere também o coordenador escolar nas suas respostas que as ocorrências não chegam a ser participadas desconhecendo os motivos.

¹⁴ Paías (2014) Tenho medo de ir à escola - Frase anónima de um jovem-pg72

As crianças vítimas apresentam características tais como dificuldade de interacção e muitas vezes são socialmente excluídas. (Olweus,1993)

É uma particularidade transversal ao caso relatado no processo pois a agredida, na maioria das vezes, encontrava-se sozinha e não tinha o apoio dos pares.

Agentes da Educação no Concelho de Abrantes, na sua visão sobre o Bullying referiram que os alunos do 2º ciclo ainda não têm noção do que é o Bullying ou as consequências dos seus atos. Paralelamente, como demonstra a tabela XIV, 47,4% dos alunos da turma afirmam que em caso de presenciarem algum tipo de agressão ajudariam mesmo que não conhecessem.

A introdução de um programa de intervenção para a comunidade escolar faria efeito?

Consideramos que sim. Porque sensibilizar os alunos, os que agredem, os que são agredidos e também os que assistem, alertar os professores e auxiliares para as consequências nefastas da prática de Bullying é extremamente importante para a prevenção.

Elinoof, Chafouleas e Sassu (2004) citados por Seixas (2006) refere medidas preventivas em três níveis:

Primária, que é destinada a toda a comunidade escolar e procura eliminar os fatores que promovem os comportamentos de bullying e de vitimização;

Secundária, é fundamentalmente dirigida a alunos em risco [...] no sentido de lhes proporcionar apoio e suporte complementar em domínios específicos;

Terciária, dirigida a alunos que manifestam comportamentos anti-sociais ou de vitimização recorrente e duradoura e necessitam de implementação de estratégias interventivas com o intuito de reduzir esses comportamentos.

Sharp e Thompson (2000) citados por Serrate (2014) recomendam as seguintes fases: Sensibilização e consciencialização; Elaboração de uma pequena investigação; Elaboração de um projeto de atuação; Difusão e desenvolvimento; Seguimento e avaliação. Serrate (2014) refere ainda que a partir do momento em que o professor toma conhecimento de que o bullying acontece na sua escola, o professor tem a responsabilidade de o comunicar à direção da escola. É necessário que entregue um relatório escrito em que seja detalhada toda a informação do que ocorre na escola [...] A escola não deverá mostrar qualquer tipo de tolerância em relação ao bullying.

Importa também referenciar os agressores, que têm de ser alvo de ajuda e intervenção tal como os agredidos, pois como indicam alguns estudos existem diversos factores que potenciam o comportamento desviante dos agressores.

As crianças e os adolescentes que intimidam, exaltam e recuperam forças ao controlar ou dominar os outros. Muitas vezes foram vítimas de abuso físico ou de intimidação. Serrate (2009).

Olweus (1978) citado por Pereira (2002) afirma que os agressores apresentam tendências agressivas devido à vida familiar visto que: a) os pais parecem fomentar mais a hostilidade do que o afeto; b) existe um padrão familiar de permissividade. Em particular, os rapazes muito agressivos têm mães frequentemente hostis e sem controlo sobre os filhos.

Quanto mais eficaz e direccionadas forem as estratégias de prevenção, maior e melhor será a intervenção da comunidade escolar, aumentar a formação e experiência dos mesmos aumenta o trabalho de prevenção e consequentemente a diminuição do bullying nas escolas.

Sendo que cada escola, e os seus alunos, têm diferentes características, personalidades e contextos, a formação e intervenção teria de ser direccionada de acordo com as características comuns.

Perante este trabalho, embora com algumas limitações, laborámos o tema com uma amostra reduzida, e ainda dependente da sinceridade dos alunos na resposta ao questionário, mas com um caso de estudo que exemplifica as estratégias usadas para os casos de agressão e algumas consequências que daí advêm.

Bibliografia

- (VS), S. P. (s.d.). *KINDERGARTEN CHILDREN INVOLVED IN BULLYING: SOCIAL BEHAVIOR, PEER RELATIONSHIPS, AND SOCIAL STATU*. Sonja Perren von Lax. Obtido em 22 de Maio de 2017, de https://sospais.files.wordpress.com/2010/05/bullying_.pdf
- Alexander, J. (2007). *When your child is bullied*. Lisboa: Editorial Presença. 24-68.
- Almeida, A. (1995). *Aspetos psicológicos da vitimação na escola: contributos para a identificação do problema*. Lisboa: Formas e contextos .
- Artigo 313º e 315º do C.P.Penal, 65/16.3PAABT (Tribunal Judicial da comarca de Santarém 09 de 05 de 2017).
- Buxton, D. (2013). *Coping Strategies for club Bully-Victim*, 2013. Obtido em Maio de 2017, de Halio.com/Pebatics.
- Cardoso (2009). O jogo dramático na prevenção do bullying. Algumas experiências de intervenção da APAV. www.eses.pt/interações.
- Harris, S., & Petrie, G. (2002). A study of bullying in the middle school. National Association of Secondary School Principals.
- Journal of psychology of education. 1997. Vol. XII, nº4 I.S.P.A. 1997. 495-510.
- Neto, C. (1999). *Motricidade e jogo na Infância*. Rio de Janeiro: Sprint, 2ª Edição. 61
- Neto, C. (s.d.). *A Criança e o Jogo: Perspectivas de Investigação*. Obtido em Abril de 2017, de <http://www.fmh.utl.pt/Cmotricidade/dm/textoscn/acriancaejogo.pdf>: <http://www.fmh.utl.pt/Cmotricidade/dm/textoscn/acriancaejogo.pdf>
- Martins (2005). Agressão e vitimação entre adolescentes, em contexto escolar: Um estudo empirico. Análise psicológica.
- Nery, Neto, Rosado e Smith (Março de 2017) Manual Anti-Bullying na Formação Desportiva. Obtido em 23 de Junho de 2017, de Confederação do Desporto de Portugal. www.cdp.pt
- Olweus, D. (1978). *Aggression in schools: Bullies and whiooing boys*. Nova York, Wiley.
- Olweus, D. (1993). *Bullying at school: What we know and what we can do*. Malden, MA: Blackwell.
- Olweus, D. (1994). *Bullying at school: Basic and effects of a school based intervention . Program association forchild psychology and psychiatry*.

Olweus, D. (1997). Bullying and Education. *Journal of Psychology of Education*, XII, 1-4.

Organização Mundial de Saúde (2002). Violência – Um problema Mundial de Saúde Pública. In: Organização Mundial de Saúde Relatório Mundial Sobre Violência e Saúde. Genebra

Paias, T. (2014). *Tenho medo de ir à escola*. Lisboa: A esfera dos Livros. 140-147

Pereira, B. (2002). *Estudo e Prevenção das Práticas agressivas entre crianças*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2-17

projetobullyingidalina.blogspot.pt/p/frasesde_alunos.html. (2015). Obtido em 23 de Março de 2017, de www.projetobullyingidalina.blogspot.pt

Rebolo, A. (Agosto de 2010).

http://www.apei.pt/upload/ficheiros/edicoes/CEI_90_p24.pdf. Obtido em 22 de Maio de 2017, de Jogos de luta ou luta a sério? Como distinguir para decidir: http://www.apei.pt/upload/ficheiros/edicoes/CEI_90_p24.pdf

Rocha, I(2017) - Advogada da RMV&Associados -Sociedade de Advogados, R. (2017). *Códigos Penal e Processo Penal*. Lisboa: Porto Editora.

Sebastião, J. (2010). *Violência na Escola. Tendências, contexto, olhares*. Chamusca: Edição Cosmos. 44-88.

Seixas, S. (2006). *Comportamento do Bullying entre pares. Bem estar e ajustamento escolar*. Tese de doutoramento em psicologia apresentado à Faculdade de Psicologia e ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

Serrate, R. (2009). *Lidar com o bullying na escola*. Lisboa: K Editora Lda. 24-39

Serrate, R. (2014). *Bullying na escola. Entender, prevenir e intervir no fenómeno da violência entre os pares*. Lisboa: Bookout Serviços.41-68

Silva, H. T. (5 de 2016). *Bullying no desporto jovem. O “gordinho”, o “maricas” e como eles sofrem nos balneários*. Obtido em 10 de Junho de 2017, de Observador.pt: <http://observador.pt/especiais/bullying-no-desporto-jovem-gordinho-maricas-sofrem-nos-balnearios/>

IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE. III encontro sul Brasileiro de psicopedagogia. 2009- Um estudo sobre o bullying no contexto escolar - 4-5

Webgrafia

www.observador.pt

www.esdrsolanoabreu.pt/

cm-abrantes.pt

www.apeit.pt

projeto bullyingingidalina.blogspot.pt

www.fmh.utl.pt

<http://apavparajovens.pt>

www.stopbullying.gov

ANEXOS

Anexo A



Universidade do Minho
Instituto de Educação

QUESTIONÁRIO*

Bullying - A agressividade entre crianças no espaço escolar
2 e 3 Ciclos

ASSINALA COM UMA CRUZ A BOLA QUE TE DIZ RESPEITO ⊗ OU ESCREVE NOS ESPAÇOS

BLOCO I

1. Ano de escolaridade

5 6 7 8 9

2. Sou um rapaz

A

Sou uma rapariga

B

3. Que idade tens? _____ anos.
_____(dia)

Data de nascimento ____ (ano) - ____ (mês) -

4. Quantos irmãos tens? _____

Idade dos irmãos

5.

PAI

MÃE

Profissão

Habilitações escolares

6. Frequentaste o Jardim de Infância (Infantário ou Creche)?

sim

não

Quantos anos?

7. Desde que entraste para o 1º ano reprovaste alguma vez?

sim

não

Em que anos?

BLOCO II - ACERCA DE SER AGREDIDO

“**Bullying**” - agressão entre jovens **intencional e frequente** capaz de causar danos ou magoar, tais como: ameaçar, chantagear, chamar nomes, gozar, levantar falsos testemunhos, contar segredos de uma forma directa e praxes violentas, pôr de parte um(a) colega, ignorá-lo(a), bater, empurrar e tirar objectos de valor.

“**Ciberbullying**” – todas as práticas anteriores mas através do uso de telemóveis e da Internet, tais como sms, mms, e-mail, ou chats de conversação.

* Adaptação do questionário de Dan Olweus (1989) por Beatriz Oliveira e Ana Tomás. UM/CEFOPE, 1994 e revisto por Beatriz O. Pereira em 2006 UM/IEC.

1. Desde que **este período** começou quantas vezes te fizeram mal?

A Nenhuma

C 3 ou 4 vezes

B 1 ou 2 vezes

D 5 ou mais vezes

2. Como é que te têm feito mal?

Coloca a cruz nas bolas daquilo que já te aconteceu **este período**. Podes marcar **mais do que uma bola**

A Bateram-me, deram-me murros ou pontapés

B Roubaram-me

C Pediram-me dinheiro emprestado e não o devolveram

D Ameaçaram-me, meteram-me medo

E Chamaram-me nomes feios.

F Andaram a falar de mim, dizem segredos sobre mim

G Não falam comigo

H Espalharam mensagens (msm) via telemóvel ou internet para me fazerem mal

I Insultaram-me pela minha cor ou raça

J Não brincam comigo e deixam-me sozinho

L Fizeram-me outras coisas. Diz o quê: _____

M Ninguém me fez mal

3. Em que sítios é que te têm feito mal? Podes marcar **mais do que uma bola**

A Em lado nenhum

E Na cantina

B Nos corredores e nas escadas

F Nas casas de banho

C No recreio

G Nos balneários

D Na sala

H Noutro sítio (indica o lugar)

4. De que turma são os rapazes ou raparigas que te têm feito mal? **Podes marcar mais do que uma bola.**

A Ninguém se meteu comigo este período

B São da minha turma

C São de outra turma

5. De que idade são os rapazes ou raparigas que te têm feito mal? **Podes marcar mais do que uma bola.**

A Ninguém se meteu comigo

C São mais velhos

B São da minha idade

D São mais novos

6. Quem te fez mal? **Volta a marcar só uma bola.**

A Ninguém se meteu comigo

C Uma rapariga

E Várias raparigas

B Um rapaz

D Vários rapazes

F Rapazes e raparigas

7. Quantas vezes te fizeram mal no caminho da escola este período?

A Nunca se meteram comigo

C Uma vez esta semana

B 1 ou 2 vezes este período

D 2 ou mais vezes esta semana

8. Quantas vezes os professores tentaram parar os rapazes ou as raparigas que fizeram mal a outros?

A Não sei

C Às vezes

B Quase nunca

D Muitas vezes

9. Quantas vezes os funcionários tentaram parar os rapazes ou as raparigas que fizeram mal a outros?

- | | | | |
|-------------------------|-------------|-------------------------|--------------|
| <input type="radio"/> A | Não sei | <input type="radio"/> C | Às vezes |
| <input type="radio"/> B | Quase nunca | <input type="radio"/> D | Muitas vezes |

10. Disseste a alguém que te fizeram mal na escola? **Podes marcar mais do que uma bola.**

- A Não me fizeram mal
- B Não disse a ninguém
- C Sim, disse a um ou 2 amigos
- D Sim, disse aos meus amigos
- E Sim, disse ao professor ou Director de Turma
- F Sim, disse aos meus pais ou encarregado de educação
- G Sim, disse a um irmão ou irmã
- H Sim, disse a um funcionário
- I Sim, disse ao psicólogo da escola

11. Há rapazes ou raparigas que te defenderam quando outros te tentaram fazer mal? **Volta a marcar só uma bola.**

- | | | | |
|-------------------------|--------------------|-------------------------|------------------------|
| <input type="radio"/> A | Ninguém me fez mal | <input type="radio"/> E | 2 ou mais rapazes |
| <input type="radio"/> B | Ninguém me ajudou | <input type="radio"/> F | 2 ou mais raparigas |
| <input type="radio"/> C | 1 rapaz | <input type="radio"/> G | 1 rapaz e uma rapariga |
| <input type="radio"/> D | 1 rapariga | <input type="radio"/> H | Rapazes e raparigas |

12. O que fazes quando vês um colega da tua idade a ser agredido na escola? **Podes marcar mais do que uma bola.**

- | | |
|---|--|
| <input type="radio"/> A Nada, não é nada comigo | <input type="radio"/> E Chamo alguém para ajudar |
| <input type="radio"/> B Nada, mas acho que deveria ajudar | <input type="radio"/> F Ajudo só se for meu amigo ou amiga |
| <input type="radio"/> C Nada porque podem vingar-se em mim | <input type="radio"/> G Ajudo mesmo que não conheça |
| <input type="radio"/> D Tento ajudá-lo ou ajudá-la como posso | |

BLOCO III - ACERCA DE AGREDIRES OUTROS JOVENS

Quantas vezes foste tu a ameaçar, chantagear, chamar nomes, levantar falsos testemunhos, contar segredos, a pôr de parte um (a) colega, ignorá-lo (a), bater, empurrar, tirar dinheiro, fazer praxes violentas, enviar mensagens via telemóvel e/ ou e-mail ameaçadoras e/ ou insultuosas, colocar imagens na Internet com o intuito de prejudicar alguém?

Ninguém saberá o que disseste, diz a verdade.

1. Quantas vezes fizeste mal a outro (s) colega (s) na escola, **este período?**

- | | |
|--------------------------------------|---|
| <input type="radio"/> A Nenhuma | <input type="radio"/> C 3 ou 4 vezes |
| <input type="radio"/> B 1 ou 2 vezes | <input type="radio"/> D 5 ou mais vezes |

2. Se fizeste mal a algum colega na escola este período, diz porque o fizeste? **Podes marcar mais do que uma bola**

- | | |
|---|--|
| <input type="radio"/> A Não fiz mal a nenhum colega | <input type="radio"/> F Para evitar que me façam mal |
| <input type="radio"/> B Porque tive de me defender | <input type="radio"/> G Para ser admirado e popular |
| <input type="radio"/> C Porque me irritaram | <input type="radio"/> H Porque faz-me sentir bem |
| <input type="radio"/> D Para mostrar como sou forte | <input type="radio"/> I Por outro motivo (indica qual) |
| <input type="radio"/> E Faz-me sentir que sou melhor do que os outros | _____ |

3. Quantas vezes te juntaste a outros colegas para fazer mal a algum rapaz ou a alguma rapariga na escola, **este período?**

- | | |
|--------------------------------------|---|
| <input type="radio"/> A Nenhuma | <input type="radio"/> C 3 ou 4 vezes |
| <input type="radio"/> B 1 ou 2 vezes | <input type="radio"/> D 5 ou mais vezes |

4. Quantas vezes tomaste parte em agressões a outros jovens no caminho da escola, **este período?**

- | | | | |
|-------------------------|-----------------|-------------------------|----------------------------|
| <input type="radio"/> A | Nunca | <input type="radio"/> C | Cerca de 1 vez por semana |
| <input type="radio"/> B | Só 1 ou 2 vezes | <input type="radio"/> D | 2 ou mais vezes por semana |

5. Ajudavas a agredir um colega que não gostasses?

- | | | | |
|-------------------------|----------------------------|-------------------------|--------------|
| <input type="radio"/> A | Sim | <input type="radio"/> D | Acho que não |
| <input type="radio"/> B | Talvez | <input type="radio"/> E | Não |
| <input type="radio"/> C | Só se ele me irritar muito | | |

Anexo B-Programa Escola Segura

O Programa Escola Segura, sendo uma iniciativa conjunta dos Ministérios da Administração Interna e da Educação, encontra-se regulamentado pelo Despacho n.º 25650/2006, de 19 de Dezembro, visando garantir a segurança, prevenindo e reduzindo a violência, comportamentos de risco e incivildades, bem como melhorar o sentimento de segurança no meio escolar e envolvente, com a participação da comunidade. Os princípios estratégicos do Programa Escola Segura baseiam-se em 4 eixos fundamentais:

(i) Territorialização do Programa ao nível local, centrando-o nas escolas, com a participação activa de toda a comunidade;

(ii) Promoção e desenvolvimento de parcerias quer ao nível nacional, quer ao nível local;

(iii) Formação destinada a todos os elementos da comunidade educativa e aos elementos das forças de segurança envolvidos no Programa;

(iv) Monitorização dos fenómenos de violência, comportamentos de risco e incivildades nas escolas.

Anexo C- Proposta de Lei n.º 46/XI/2.^a

A presente proposta de lei destina-se a criar o novo crime de violência escolar, prevendo-se, para esse efeito, uma alteração do Código Penal. A autonomização deste crime justifica-se pela protecção especial que deve ser dada à manutenção de um ambiente escolar seguro e salutar, que ao Estado compete garantir. A escola, enquanto centro de ensino e aprendizagem, depende, para o exercício cabal da sua função social, de garantias efectivas dos direitos à liberdade e segurança dos diversos membros da comunidade escolar.

[...]

O ambiente escolar, enquanto bem jurídico a proteger, deve ser igualmente preservado da ocorrência de comportamentos isolados que, embora já tipificados no Código Penal, assumam, pela sua gravidade, um especial relevo, afectando o relacionamento entre os vários membros da comunidade escolar.

Artigo 152.º-C

Violência escolar

1 - Quem, de modo reiterado ou não, e por qualquer meio, infligir maus tratos físicos ou psíquicos, incluindo castigos corporais, privações da liberdade e ofensas sexuais, a membro de comunidade escolar a que o agente também pertença, é punido com pena de prisão de 1 a 5 anos, se pena mais grave lhe não couber por força de outra disposição legal.

2 - A mesma pena é aplicável a quem infligir maus tratos físicos ou psíquicos a membro da comunidade escolar a que também pertença um seu descendente, colateral até ao 3.º grau ou menor relativamente ao qual seja titular do exercício das responsabilidades parentais.

3 - Se dos factos previstos nos números anteriores resultar:

- a) Ofensa à integridade física grave, o agente é punido com pena de prisão de 2 a 8 anos;
- b) A morte, o agente é punido com pena de prisão de 3 a 10 anos.

4 - Nos casos previstos nos números anteriores, podem ser aplicadas ao arguido as penas acessórias de proibição de contacto com a vítima e de proibição de uso e porte de armas, pelo período de seis meses a cinco anos, e de obrigação de frequência de programas específicos de prevenção da violência escolar.»

Dos crimes contra a honra Artigo 180º

Difamação 1 - Quem, dirigindo-se a terceiro, imputar a outra pessoa, mesmo sob a forma de suspeita, um facto, ou formular sobre ela um juízo, ofensivos da sua honra ou consideração, ou reproduzir uma tal imputação ou juízo, é punido com pena de prisão até 6 meses ou com pena de multa até 240 dias.

2 - A conduta não é punível quando: a) A imputação for feita para realizar interesses legítimos; e b) O agente provar a verdade da mesma imputação ou tiver tido fundamento sério para, em boa fé, a reputar verdadeira.

3 - Sem prejuízo do disposto nas alíneas b), c) e d) do nº 2 do artigo 31º, o disposto no número anterior não se aplica quando se tratar da imputação de facto relativo à intimidade da vida privada e familiar.

4 - A boa-fé referida na alínea b) do nº 2 exclui-se quando o agente não tiver cumprido o dever de informação, que as circunstâncias do caso impunham, sobre a verdade da imputação.

5 - Quando a imputação for de facto que constitua crime, é também admissível a prova da verdade da imputação, mas limitada à resultante de condenação por sentença transitada em julgado. (Redacção da Lei nº 65/98, de 2 de Setembro)

Artigo 181º

Injúria

1 - Quem injuriar outra pessoa, imputando-lhe factos, mesmo sob a forma de suspeita, ou dirigindo-lhe palavras, ofensivos da sua honra ou consideração, é punido com pena de prisão até 3 meses ou com pena de multa até 120 dias.

2 - Tratando-se da imputação de factos, é correspondentemente aplicável o disposto nos nºs 2, 3 e 4 do artigo anterior. (Redacção da Lei nº 65/98, de 2 de Setembro)

Anexo D-Fotografias

Foto 1 – Zona com densa vegetação (assinalado a vermelho a vedação)



Foto 2 – Zona com densa vegetação



Foto 3 – Local posterior do pavilhão, zona de difícil supervisão (assinalado a vermelho a vedação)



Foto 4- Zona dos blocos



Foto 5 – Corredor de difícil supervisão

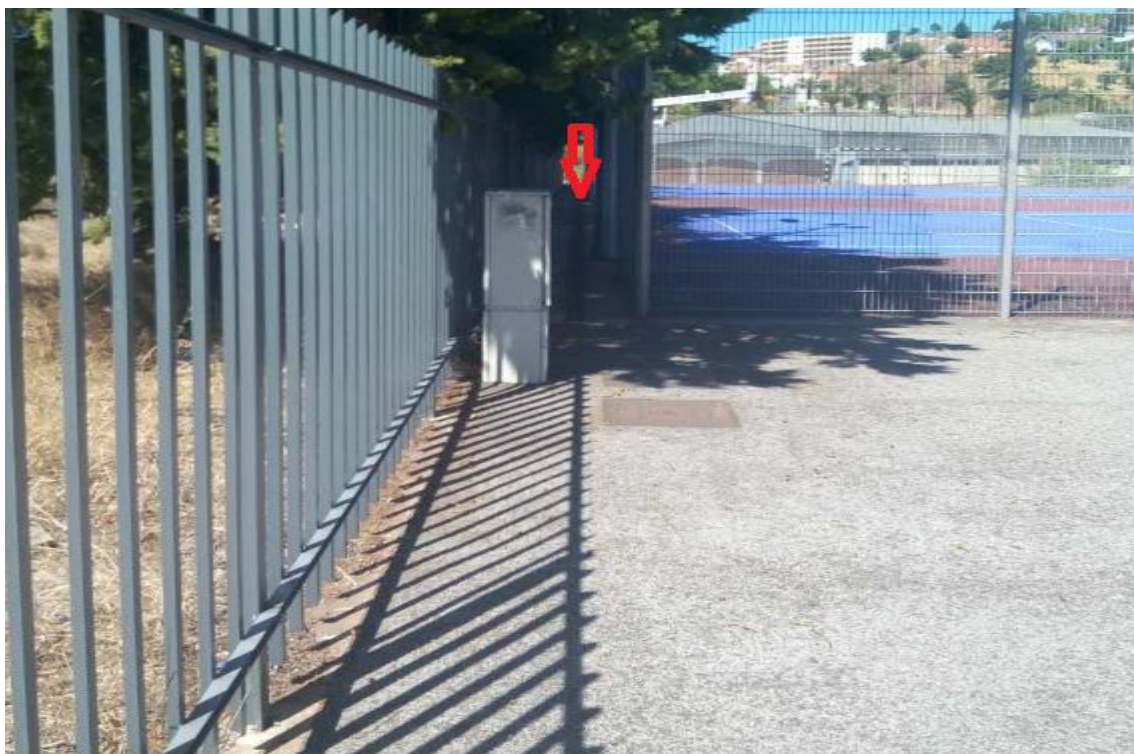


Foto 6 – Corredor de difícil supervisão

